

BLUMENAU

em Cadernos


FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU
25 ANOS

TOMO XXXVII
SETEMBRO DE
1997 - No. 9

BLUMENAU
EM CADERNOS

50 ANOS

1957 - 1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

BLUMENAU
em Cadernos

BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Fritz Müller aos 70 anos de idade. Homenagem referente
ao seu centenário de falecimento: 1897 - 1997

A imagem de fundo retrata a
Colônia Blumenau em 1889.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos
Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

As Escolas Paroquiais entre os Imigrantes Italianos no Médio Vale do Itajaí-Açu <i>Norberto Dallabrida</i>	07
Blumenau nas Enchentes de 1983 e 1984 e o Imaginário da "Cidade do Trabalho" <i>Mery Frotscher</i>	20
Testamento de José Henrique Flores Filho (1891)	31
Como os Alemães Educam seus Filhos	35
O Apiário <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	44
Sorveterias e Confeitarias <i>Orlando Olinger</i>	47
"Por Blumenau Unido" <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	49
O Grupo Sul / Artes na U.F.S.C. / Henrique L. Alves <i>Enéas Athanázio</i>	57

História & Historiografia

As escolas Paroquiais entre os Imigrantes Italianos do Médio Vale do Itajaí-Açu**

Texto:

Professor
NORBERTO
DALLABRIDA*



"Nós vivemos como animais". Esta frase, ouvida e registrada pelo cônsul italiano, Pio di Savoia, foi pronunciada por imigrantes italianos do Sul de Santa Catarina, para expressar as precárias condições das escolas de seus filhos¹. Nas áreas de imigração italiana do território catarinense, as instituições civis eram praticamente ausentes em relação à educação escolar, que geralmente era proporcionada por escolas dirigidas pela Igreja Católica.

No Médio Vale do Itajaí Açu, alguns anos após a chegada dos primeiros imigrantes italianos, ocorrida em 1875, em algumas capelas foram instaladas escolas primárias, que, devido à sua vinculação com a Igreja Católica, foram chamadas de escolas paroquiais. O funcionamento destas unidades escolares era bastante irregular e precário, pois, às vezes permaneciam fechadas por diversos meses, devido à falta de professores habilitados, ao descaso dos pais e ao quase isolamento da área de imigração italiana da sede colonial, a cidade de Blumenau. Os professores eram escolhidos dentre os imigrantes "mais letrados", geralmente homens,

* Professor do Departamento de História da UDESC (Florianópolis).

** Versão modificada de parte do segundo capítulo da dissertação de mestrado "À Sombra do Campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1918)", defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em 1993.

¹ PIO DI SAVOIA, G. Italianos no Sul do Estado de Santa Catarina. In: DALL'ALBA, J.L. (org.) **Imigração Italiana em Santa Catarina**. Caxias do sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: Escola Superior São Lourenço de Brindes. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p.69.

que exerciam liderança nas comunidades ou tinham mais cultura escolarizada que os demais².

Nos primeiros anos, o supervisor das escolas paroquiais era o Padre José Maria Jacobs, único sacerdote existente na Colônia Blumenau e vigário da Paróquia São Paulo - que abrangia a Colônia Blumenau. Desde o início do seu paroquiato, preocupou-se com a incrementação das escolas paroquiais, reclamando às autoridades civis, empenho e determinação na fundação e manutenção de escolas³. Nas suas visitas trimestrais à área de imigração italiana, além de rezar missas, administrar sacramentos e ordenar ações administrativas nas capelas, zelava pelo funcionamento das escolas paroquiais e, por isso, foi chamado pelo capelão Valentino Fruet de "apóstolo da instrução"⁴. Assim, em apenas sete das vinte e duas capelas italianas foram estabelecidas escolas paroquiais, que, apesar de serem visitadas pelo vigário, funcionavam de forma autônoma, dependendo efetivamente da iniciativa do professor e/ou do apoio da comunidade da capela.

Em 1892, o Padre Jacobs retirou-se da Paróquia São Paulo, sendo substituído por padres franciscanos alemães, que haviam imigrado para o Brasil no ano anterior. A área de imigração italiana passou a ser visitada mais amiúde pelo clero franciscano, principalmente pelo Padre Lucínio Korte, que aos poucos fixou residência na Capela Nossa Senhora das Dores de Rodeio. Nesta localidade, três anos depois, instalou-se um núcleo da Ordem Franciscana, constituído de padres e irmãos leigos, provocando o florescimento religioso nas capelas italianas, o aumento do número e a reestruturação administrativa e pedagógica das escolas paroquiais. Posteriormente, esta capela, que passou a ter como padroeiro São Francisco de Assis, tornou-se igreja matriz e abrigou o noviciado da Ordem Franciscana, tornando-se a capital religiosa da área de imigração italiana.

² DESTEFANI, B. Notícias históricas de Rodeio (conclusão). *Vida Franciscana*. Petrópolis, n.1, 1942, p.11-2.

³ JACOBS, J. M. Carta ao Inspector das Terras e Colonização da Colônia Blumenau. Colônia Blumenau, setembro de 1877.

⁴ FRUET, V. Uma homenagem. *O Escudo*. Rodeio, 18. março de 1922.

A vinda da Ordem Franciscana para o Brasil foi um sintoma da transformação significativa por que passava o catolicismo no Brasil. Em 1890, o regime republicano implantado no ano anterior, laicizou o Estado brasileiro, dando autonomia institucional à Igreja Católica, que passou a vincular-se cada vez mais às orientações emanadas da Sé Romana. A Igreja brasileira passou por intensa reforma em sua estrutura administrativa e pastoral, que incluiu a multiplicação de dioceses e paróquias. Neste sentido, em 1892, foi criada a Diocese de Curitiba, com jurisdição sobre os Estados do Paraná e Santa Catarina, e dois anos depois, tomou posse o seu primeiro bispo, D. José de Camargo Barros. Em 1908, foi estabelecida a Diocese de Florianópolis, tendo como primeiro bispo D. João Becker. Estes bispos, bem como seus sucessores, foram genuínos agentes do catolicismo romanizado⁵ em Santa Catarina, que se empenharam em disseminar e dinamizar as escolas católicas⁶. Nesta tarefa pastoral, contaram especialmente com o trabalho do clero secular e das congregações religiosas, que imigraram em grande número para o Brasil, após a inauguração da República.

A fundação e o funcionamento das escolas paroquiais era "a menina dos olhos de Frei Lucínio [Korte]"⁷, primeiro sacerdote franciscano a atender as capelas italianas. Segundo Padre Stulzer, "(...) em todos os lugares em que chegasse, Frei Lucínio logo tratava com os colonos da instalação de uma escola primária ao lado da capela ou no interior da mesma"⁸. Apesar de não nutrir simpatia pelo clero franciscano, o cônsul italiano Caruso Macdonald constatou o empenho do clero franciscano na

⁵ O conceito de catolicismo romanizado é baseado em: WERNET, A. *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987. OLIVEIRA, P. R. O. *Religião e dominação de classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.

AZZI, R. O catolicismo de Imigração. *Estudios Migratorios Latino-Americanos*. Buenos Aires: CEMLA, 1990. p.5-32.

⁶ Tanto D. José como D. João escreveram cartas pastorais sobre escolas paroquiais, cf. BARROS, D. José de Camargo. Carta Pastoral sobre as Escolas Paroquiais. In: *Boletim Eclesiástico*. Curitiba, 1900, n.3, p.25-32. BECKER, D. João. *Segunda Carta Pastoral: sobre as escolas paroquiais*. Florianópolis: Typographia "Brazil", 1909.

⁷ SCHAEETTE, E. Meio século de vida missionária no Brasil. *Vida Franciscana*. Petrópolis, n.1, 1942. p.72.

⁸ STULZER, A., VEIGA, G. Frei Lucínio Korte: um gigante da restauração. *Vida Franciscana*. Petrópolis, n.39, dez.69. p.105.

fundação e organização de escolas primárias, ao afirmar: "Na verdade, certo número de escolas italianas fora constituído, no município de Blumenau, por iniciativa dos franciscanos alemães (...)"⁹.

O clero franciscano, imbuído de mentalidade romanizada, procurou garantir que cada comunidade de capela tivesse a sua escola paroquial, funcionando na própria capela ou num prédio escolar. As escolas paroquiais eram consideradas meios estratégicos para a transmissão da doutrina católica às crianças, de forma sistemática e regular. Eram parte integrante das capelas e igrejas, por isso não tinham nome próprio, mas se identificavam pelo nome destas, como por exemplo, Escola Paroquial da Capela Santo Antônio, da Igreja Matriz São Francisco de Assis, etc. Neste sentido, qualquer iniciativa para desestabilizá-las era considerada pecaminosa, como expressou o vigário, Padre Polycarpo, ao proclamar peremptoriamente que "(...) todos aqueles que trabalham directamente para destruir uma escola paroquial peccam e peccam mortalmente"¹⁰.

Segundo as orientações da Igreja romanizada¹¹, as escolas paroquiais estavam sujeitas à direção e à supervisão do clero, particularmente do vigário. O clero franciscano procurou controlar a estrutura e o funcionamento das escolas paroquiais, desde a indicação dos professores até a definição do currículo; sua autoridade pedagógica geralmente era legitimada pelas sociedades escolares. Por exemplo, o décimo segundo artigo do estatuto da Escola Paroquial da Capela São Francisco de Assis de Rodeio, datado de primeiro de abril de 1899, diz: "XII. Como Inspector perpétuo de escola e auctoridade competente para decidir dubios na explicação dos estatutos, assim como para dirigir a instrução na escola, a Sociedade reconhece para sempre o Parocho actual"¹². O abaixo-assinado dos "chefes de família" da Escola da Capela Santa Maria Madalena, de 17 de fevereiro de 1908, afirmava que "(...) desejamos unir-nos todos em con-

⁹ MACDONALD, G.C. O Estado de Santa Catarina e a Colonização Italiana. In: DALL'ALBA, J. L. op. cit., p.173-4.

¹⁰ SCHUHEN, P. Carta ao Exmo. e Revmo. Snr. Bispo. Rodeio, 20 de março de 1921.

¹¹ Para o Brasil, o marco pastoral da política romanista foi o Concílio Plenário da América Latina, realizado em Roma em 1899, cujo documento serviu de base para as orientações episcopais, como por as cartas pastorais dos primeiros bispos de Curitiba e Florianópolis.

¹² ESTATUTOS da Sociedade de escola de Rodeio. Rodeio, 1 de abril de 1899.

selho sob a presidência do nosso Pároco, que tanto tem feito pela educação da juventude (...) somos católicos e queremos uma escola christã sob a direção única do nosso Pároco (...)”¹³.

Segundo relatório escolar dos padres franciscanos, em 1910, as escolas paroquiais do Curato São Francisco de Assis - que abrangia a área de imigração italiana - eram "dirigidas, visitadas e examinadas pelo vigário franciscano", que, oportunamente, reunia os professores das escolas paroquiais para fornecer-lhes orientações pedagógicas¹⁴. O pároco exercia vigilância sobre as escolas paroquiais especialmente pela seleção e inspeção dos professores. A maioria era do sexo masculino, mormente lideranças religiosas locais, como capelães, fabriquiteiros e presidentes ou diretores de associações religiosas. Eram colonos-professores, que geralmente ministravam aulas pela manhã e dedicavam-se aos trabalhos agro-pastoris à tarde¹⁵. A maioria falava italiano e português e alguns, também, alemão; vários haviam estudado no Colégio Santo Antônio de Blumenau¹⁶.

Segundo seu ex-aluno, o Cônego Vicenzi, o professor da escola paroquial da Capela Nossa Senhora das Dores de Pomeranos era "piedosíssimo e recebia com freqüência os sacramentos" e foi o primeiro membro da Ordem Terceira Franciscana na região de Pomeranos. Apesar de colono, sempre se dedicou ao ensino primário: "A princípio dava aula nocturna (...) Pelo voto geral dos paes de família aceitou por fim a escola primaria particular, a qual, a despeito dos muitos contratempos e contrariedades, tem consagrado, até hoje [1902], dezessete annos de sua vida".¹⁷ Na Igreja Matriz São Francisco de Assis, sede do curato homô-

¹³ ABAIXO-ASSINADO chefes de família da Escola de Pomeranos Central ao Pároco Pe. Lucínio. Pommeranos, 17 de Febbraio 1908.

¹⁴ SCHAETTE, E. Os Religiosos da Província da Immaculada Conceição e a Escola. In: ROWER, F. B. **A Província Franciscana da Immaculada Conceição do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1922. p. 213.

¹⁵ VICENZI, J. **Uma viagem ao Estado de Santa Catarian em 1902**. Nietheroy: Typ. Amerino, 1904. p.62

¹⁶ PARÓQUIA Rodeio. Relatório sobre as escolas dos tirolezes na Paróquia de Rodeio - Município de Blumenau. Tradução de Edith Sophia Eimer. Rodeio, 18 de maio de 1910. p.4.

¹⁷ VICENZI, J. op. cit., p.30-32.

nimo, a partir de 1905, duas irmãs da Divina Providência passaram a ministrar aulas na escola paroquial, fundando o Convento Menino Deus na localidade de Rodeio, reforçando-lhe o "status" de capital religiosa entre os imigrantes italianos.

Os professores, leigos e religiosos, geralmente trabalhavam em sintonia com as orientações pedagógicas paroquiais emanadas do vigário, comunicadas por determinações paroquiais, nas visitas paroquiais e nas reuniões pedagógicas paroquiais, que se realizavam anualmente na Igreja Matriz São Francisco de Assis¹⁸. A reunião de 1910 realizou-se nos dias 9 e 10 de dezembro, com a participação de treze dos quinze professores das escolas paroquiais. Segundo o cronista franciscano, após a "missa escolar", o primeiro dia foi dedicado a temas católicos, como as partes da missa e a crença da Imaculada Conceição. No segundo dia, inicialmente foram abordados os temas profanos, tais como aritmética, geografia nativa e as ciências naturais. Além disso, houve uma palestra sob o título "Os efeitos do professor através de seu exemplo" e esclarecimentos sobre o uso de quarenta e oito quadros profanos e religiosos. No encerramento, o Padre Stanislau pediu aos professores, fidelidade e oração diária¹⁹.

O vigário determinava o currículo das escolas paroquiais, de modo que contemplassem o ensino da doutrina católica romanizada. Em sua visita à escola paroquial da Igreja Matriz São Francisco, em 1901, o Cônsul italiano Pio di Savóia anotou que "(...) o currículo escolar consiste especialmente na História Sagrada e no Catecismo"²⁰. Esta afirmação foi contestada pelo Padre Lucínio, pároco e diretor das escolas paroquiais, numa carta endereçada ao Cônsul. Diz:

"A respeito de nossa escola [da igreja matriz] de Rodeio devo dizer que se V. Excia. na visita que fez, se tivesse dignado de esperar meu convite para entrar na escola, eu teria podido explicar o humilde programa e o modo de proceder nas outras escolas, que são todas paro-

¹⁸ SCHAETTE, E. Meio século de vida missionário no Brasil. **Vida Franciscana**. Petrópolis, n.1, 1942. p.72

¹⁹ SUBSÍDIOS para a crônica do Convento de Rodeio. Tradução de Edith Sophia Eimer. Rodeio, abril de 1909. p.9-11.

²⁰ PIO DI SAVOIA, G. Italianos no Norte do Estado de S. Catarina. In: DALL'ALBA, J. L. ob. cit., p. 110.

quiais e independentes, V. Excia. teria se inteirado que além das duas horas de história sagrada e três de catecismo, restam 30 horas para contas, ler, escrever, temas ortografia e gramática, língua portuguesa, geografia, canto e trabalhos manuais (para as meninas).

Nas escolas fora de Rodeio, por falta de recursos e de tempo, precisou-se restringir a: religião, leitura, escrever, contas e português. Eu posso confessar, que nos anos passados, tenho trabalhado e combatido suficientemente para introduzir e melhorar as escolas italianas nestes distritos (...)" (sic)²¹.

O ensino primário ministrado nas escolas paroquiais geralmente tinha quatro anos de duração²². Os alunos do primeiro e segundo anos pertenciam à "classe inferior", enquanto os do terceiro e quarto eram da "classe superior". Havia disciplinas específicas para estas duas classes e outras permanentes em todos os anos, como "religião" e "língua italiana"²³. O Relatório do Curato São Francisco de Assis de Rodeio assegura que em todas as escolas paroquiais havia catequese "todos os dias por uma meia hora"²⁴. Carlini lembra que os primeiros quinze minutos das aulas eram dedicados às orações, seguidos de meia hora ou mais de catequese, com explicações do catecismo e História Sagrada. Depois eram ministrados os estudos profanos, tais como aritmética, cálculo, caligrafia, leitura²⁵.

A escola paroquial da Igreja Matriz São Francisco de Assis era a mais estruturada, devido à atuação das Irmãs da Divina Providência, como professoras e a supervisão direta do clero franciscano. Em 1910, tinha as seguintes disciplinas: religião e "idioma pátrio" (língua italiana)

²¹ KORTE, L. Carta ao Cônsul Italiano. Rodeio, 2 de fevereiro de 1902. **Blumenau em Cadernos**. Tradução de José E. Finardi. Blumenau, v. 19, n.6, ju. 1978. p. 166.

²² SCHAEETTE, E. Os Religiosos da Província da Immaculada Conceição e a Escola. In: ROWER, B. **A Província Franciscana da Immaculada Conceição do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1922, p.213.

²³ PARÓQUIA Rodeio. Relatório sobre as escolas dos Tiroleses na Paróquia de Rodeio - Município de Blumenau. Tradução por Edith S. Eimer. Rodeio, 18 de maio de 1910. p.1-3.

²⁴ RELATÓRIO do Curato de Rodeio. Anno de 1912.

²⁵ CARLINI, C. Escola da Capela de S. Antônio - Pomeranos - Rio dos Cedros, Rio dos Cedros, 1979. p.4.

em todos os anos; "idioma nativo" somente na classe superior; aritmética, geometria, história e geografia somente nas classes superiores; história natural, desenho e canto. Nas outras escolas paroquiais, o número de disciplinas geralmente era menor e o controle clerical indireto, porém, intenso e eficiente. Em relação ao conteúdo religioso, na classe inferior ensinava-se "história bíblica" e os mandamentos; na classe superior eram transmitidos os testamentos e o estudo intenso do catolicismo. Os livros utilizados, "Storia Sacra", de Schuster e "Catechismo della Religione Catolica", eram da Diocese de Trento (Áustria). Nas aulas de canto ensinava-se hinos religiosos²⁶.

A simbiose curricular entre a capela e a escola era articulada cotidianamente pela ligação do conteúdo catequético ao calendário litúrgico católico. Neste sentido, durante a semana era apresentada e explicada a liturgia dominical e/ou festiva, que geralmente era publicada e comentada no "L'Amico", semanário do Curato São Francisco de Assis, que circulou regularmente entre 1904 e 1917. Além do mais, a maioria das escolas paroquiais tinha comunhão geral todos os meses, precedida pelo sacramento da confissão²⁷.

O currículo das escolas paroquiais contemplava aspectos culturais do Trentino, uma região austríaca de cultura italiana²⁸. Em todos os anos escolares era ministrado o ensino da língua italiana, baseado no "Libero di Lettura", de Albino Bertamini de Viena. O ensino de história era ministrado na classe superior, "(...) onde é dada especial atenção à História da Áustria e do Tirol" e nas aulas de canto eram ensinadas "canções da pátria". Deste modo, em 1906, o cônsul italiano Macdonald reclamou que estas escolas "não tinham caráter nacional [italiano]" e ain-

²⁶ PARÓQUIA Rodeio. Relatório sobre as escolas tirolezes na Paróquia Rodeio - Município Blumenau. Tradução por Edith S. Eimer. Rodeio, 18 de maio de 1910. p.1-3.

²⁷ RELATÓRIO do Curato de Rodeio. Anno de 1911.

²⁸ No Médio Vale do Itajaí Açu, havia imigrantes trentinos (cidadãos austríacos de cultura italiana) e italianos (do Reino da Itália), sendo que os primeiros eram mais numerosos que os outros. Por isso, tanto o Consulado Italiano como o Austríaco enviavam subsídios e material escolar. O clero franciscano alemão alinhou-se com os trentinos, provocando reações por parte dos imigrantes reinóis.

da não haviam utilizado os livros fornecidos pelo Consulado Italiano²⁸. (...) Até a Primeira Guerra Mundial, o Consulado Austríaco enviava subsídios e material escolar para as escolas paroquiais, sendo administrado pelo clero franciscano²⁹.

Em relação ao controle clerical, também é importante notar que, como diretor das escolas paroquiais, o pároco participava da abertura e do encerramento do ano escolar. Padre Schaeette diz que nas escolas paroquiais, entre os imigrantes italianos, "o encerramento do anno lectivo se fazia quasi sempre com solemnidade, constando de missa com sermão, exame público e festa escolar" (sic). O exame público era "presidido pelo vigário" e realizado no mês de dezembro³⁰.

As escolas paroquiais eram instituições mantidas em grande parte pelas famílias das comunidades. Em 1902, na sua viagem à área de imigração italiana do Médio Vale do Itajaí Açu, o Cônego Vicenzi registrou: "Em todos os pontos, até os mais afastados da séde do município, existem escolas particulares sustentadas pelo esforço individual de todo pae de família"³¹. Na escola paroquial da Igreja Matriz São Francisco de Assis, cada família pagava uma taxa anual de matrícula de dez mil réis e doava ao clero franciscano produtos agro-pastoris, tais como milho, feijão, galinhas e manteiga, e estes pagavam os professores em dinheiro³². Na escola paroquial da Igreja Matriz Imaculada Conceição, os sócios reuniram-se em assembléia para decidir se a taxa escolar deveria ser por família ou por aluno³³.

Estas escolas eram organizadas em "sociedades escolares", que, em assembléia geral, aprovavam os estatutos escolares e elegiam o conselho escolar. Este tinha uma função administrativa e era constituído por lideranças comunitárias masculinas e eleito pelo prazo de um ano. Por exemplo, o artigo oitavo do estatuto escolar da Capela Nossa Senhora da

²⁸ MACDONALD, G. C. O Estado de Santa Catarina e a Colonização Italiana. In: DALL'ALBA, J. L. op. cit., p.173-4.

²⁹ RELATÓRIO do Curato de Rodeio. Anno de 1911.

³⁰ LIVRO de Tombo do Curato São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, 1900, v.1, p.32.

³¹ VICENZI, J. op. cit., p. 59.

³² Id. ibid., p. 61-2 e 75.

³³ QUADERNO di Cronaca dal 1918 al 19 (Rio dos Cedros). s.d.

Assunção rezava que "(...) a sociedade terá 3 membros eleitos seus representantes os que serão reconhecidos idoneos em respeito a construção do local [da escola] como também para tratar sobre o salário do professor" (sic)³⁴. No entanto, de acordo com as disposições legais da Igreja, o pároco tinha poder de veto nos conselhos escolares.

Desta forma, a partir da atuação do clero franciscano, houve florescimento geral das escolas paroquiais. Em 1905, Padre Lucínio Korte afirmou que apesar da pobreza da população, da carência de bons professores e da "indiferença de muitos colonos", no Curato São Francisco de Assis funcionavam vinte escolas, dentre as quais dezesseis em capelas italianas³⁵. Havia diferenças entre as escolas paroquiais, de acordo com o tamanho da comunidade da capela ou igreja. A maior escola paroquial era a da Igreja Matriz São Francisco de Assis, que, além de funcionar em dois turnos, tinha o privilégio de ter como professoras, duas irmãs da Divina Providência e um professor auxiliar. As escolas das capelas Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Rio dos Cedros e São Virgílio também tinham dois turnos e um professor leigo; as demais tinham turno único³⁶.

A partir de 1908, o sistema escolar paroquial passou por uma crise, devido à fundação das chamadas "escolas italianas", que eram subsidiadas pelo Consulado Italiano em Santa Catarina. Por meio deste órgão diplomático, desde o final do século XIX, o Governo Italiano passou a enviar recursos e material escolar para as escolas primárias, na área de imigração italiana do Médio Vale do Itajaí Açu. Estes subsídios eram recebidos e administrados pelo clero franciscano alemão, que vetava o material escolar, principalmente os livros, devido ao seu conteúdo liberal, ligado ao "Risorgimento". Seguindo o exemplo da comunidade da capela Santo Ambrósio, da localidade de Ascurra e sob a liderança de Ermem-bergo Pellizzetti, várias comunidades de capela, imbuídas de italianidade

³⁴ ESTATUTO da Escola do lugar Pomeranos N. 131. Pomeranos, 20 de dezembro de 1898. p.1.

³⁵ KORTE, L. Carta ao Ministro da Educação Italiano. Rodeio, 1905. Tradução de José E. Finardi. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, v.19, ju.,1978. p.167.

³⁶ RELATÓRIO do movimento escolar na antiga Paróquia de Rodeio do dia 17 de novembro de 1910.

e apoiadas pelo Consulado Italiano, rejeitaram a direção escolar do clero franciscano e implantaram as "escolas italianas". Assim, em algumas capelas, as escolas paroquiais transformaram-se em "escolas italianas", como, por exemplo, na capela Sagrado Coração de Jesus; em outras, passou a haver duas escolas, uma paroquial e outra "italiana", como nas capelas de Sant'Ana e São José.

Em grande parte, a crise das escolas paroquiais foi superada pela fundação da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. A desistência do professor da capela Sant'Ana, Vittorio Moretti, criou um impasse que foi resolvido pelo pároco, Padre Polycarpo, convidando a jovem Amábile Avosani para assumir a função vacante. Depois de dois meses de preparação junto à Irmã Clemência Beninca, freira da Congregação da Divina Providência, em 4 de agosto de 1913, esta jovem iniciou seu trabalho docente. No ano seguinte, mais duas jovens, Maria Avosani e Liduína Venturi, aceitaram o convite do vigário e assumiram a escola paroquial da capela São Virgílio.

Em 14 de janeiro de 1915, numa missa na capela São Virgílio, estas três jovens, que pertenciam à Ordem Terceira Franciscana e à associação religiosa "Filhas de Maria", tornaram público seu propósito de se consagrar a Deus, por meio do trabalho nas escolas paroquiais. No sermão, o vigário "(...) explicou a necessidade da manutenção de boas escolas, a dificuldade de haver bons professores (...)" (sic). A partir de então, este embrião das chamadas "Catequistas" cresceu vertiginosamente. As novas candidatas assumiram, preferencialmente, escolas paroquiais das capelas italianas que se encontravam em dificuldades de sustentar o professor, como as capelas de São José, São João Batista e Santo Antônio de Rodeio³⁷.

A instalação de uma residência da Congregação Salesiana em Acurra, em 1916, também contribuiu para a superação desta crise. Devido à sua origem italiana, o clero salesiano conseguiu a conciliação da hierarquia eclesiástica com a comunidade ascurrense da Igreja Matriz Santo Ambrósio, em conflito com o clero franciscano, desde a sua chegada ao Médio Vale do Itajaí Açu. Apesar de algumas dificuldade iniciais, os fi-

³⁷ CHRONICA das Catechistas de Rodeio, Livro I, 1925-1954, p. 5-6.

lhos de D. Bosco proporcionaram a reimplantação das escolas paroquiais neste curato³⁸.

O fechamento das escolas estrangeiras pelo Governo Estadual de Santa Catarina, em 1917, devido à entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, também contribuiu para o restabelecimento das escolas paroquiais. No ano seguinte, com a permissão de reabertura, as "escolas italianas" foram abandonadas ou transformadas em escolas paroquiais, sendo que várias delas passaram a ser atendidas pelas Irmãs Catequistas Franciscanas. Por exemplo, a Escola Dante Alighieri de Ascurra, subsidiada pelo Consulado Italiano, reabriu suas portas como escola paroquial, sob o nome de "Escolas Reunidas D. Bosco".

Enfim, em 1918 havia dezenove escolas paroquiais nas vinte e duas capelas italianas. Além do crescimento numérico, as escolas paroquiais eram atendidas por quatro congregações religiosas, que lhes proporcionaram um renascimento, que as manteve vivas e atuantes até o Estado Novo, contribuindo para consolidar o catolicismo romanizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, R. O catolicismo de imigração. **Estudios Migratorios Latino-Americanos**. Buenos Aires, CEMLA, 1990. p.5-32.

DALL'ALBA, J. L. (org.). **Imigração Italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: Escola Superior São Lourenço de Brindes, Florianópolis: Lunardelli, 1983.

³⁸ FINARDI, J. E. **Colonização Italiana em Ascurra**. Blumenau: Gráfica 43, 1976. p.145.

- DALLABRIDA, N. **À Sombra do Campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização do Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1918)**. Florianópolis: UFSC, 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- FINARDI, J. E. **Colonização Italiana de Ascurra 1876-1976**. Blumenau: Gráfica 43, 1976.
- GROSSELLI, R. M. **Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- OLIVEIRA, P. R. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ROWER, F. B. **A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1922.
- VICENZI, V. **História e Imigração Italiana de Rio dos Cedros**. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1975.
- VICENZI, J. **Uma viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902**. Nitheroy: Typ. Amerino, 1904.
- WERNET, A. **A Igreja Paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio, 120).

**Pesquisas
&
Pesquisadores**

**Blumenau
nas
Enchentes
de 1983 e
1984 e o
Imaginário
da
“Cidade do
Trabalho”**

Texto:

*MÉRI
FROTSCHER**



(...) Tempos onde a cidade engorda
Como um animal desolado
Dia a dia engorda de águas
De mágoas, limo, destroços
Quantas perdidas memórias,
e de medos engorda
Oh! Casas fundadas, afundadas
Das enchentes (...)**

(Lindolf Bell, poeta blumenauense)

As enchentes de 1983 fizeram o país voltar suas atenções à cidade de Blumenau. As águas de julho, além de lama, mortes, milhões de prejuízos, deram publicidade a Blumenau. Como a metáfora presente no poema de Lindolf Bell, em tempos de enchentes, a cidade engorda. Engordam suas águas, mágoas, destroços, e também os espíritos de seus governantes, com palavras e discursos acerca da tragédia. Neste momento se dá espaço a consolos, lembranças, e à veiculação do discurso acerca da "tradicional laboriosidade do blumenauense".

Foram quinze dias em que o ritmo costumeiro da cidade estancou. Máquinas paradas, lojas fechadas, ruas e casas inundadas, escolas vazias. Foram quinze dias nos quais a cidade voltou suas atenções e preocupações para um único acontecimento: o fenômeno das enchentes. São novamente nas palavras de Lindolf Bell que encontramos um

* Natural de Blumenau - SC. Graduada em História pela FURB - Universidade Regional de Blumenau. Mestranda em História - UFSC, sob a orientação da professora Dra. Maria Bernardete Ramos Flores.

** Poema publicado no Jornal de Santa Catarina, Blumenau, 09 e 10.10.83, p. 30.

testemunho significativo da realidade vivida naqueles dias:

ENCHENTE 1983

(...) Nem dia

Nem noite

Nem sábado

Nem domingo,

Que tempo

Que líquida foice!

Aqui poder, querer

De homem cessa

Vira lesma

inútil pressa (...)

Conforme a metáfora, o rio, como uma líquida foice, corta e estanca a seiva representada pelo movimento rítmico do cotidiano da cidade. Neste momento a contagem do tempo não faz mais sentido. Para o poeta, “(...) *Não passa a hora no relógio da catedral (...)*”¹. Blumenau da década de 80 já está há tempo incluída no mundo industrializado, que faz do controle do tempo um dos principais meios para a acumulação de capital. Mundo disciplinado pelo relógio, instrumento sintomático de uma nova era, no qual o tempo se converte em moeda². No entanto, durante a enchente, Blumenau passa pela experiência de desfrutar uma sensação diferente. Sensação somente sentida nas sociedades camponesas, onde a natureza dita os tempos. Onde o relógio não escraviza os homens nem comanda o ritmo de suas vidas. O universo tido como um mecanismo, uma máquina regida por um ritmo rápido e regular deixa de existir por uns instantes. Neste momento, muitos flagelados estavam mergulhados no medo e desolação. José Deeke³ em 1917 já definia a palavra *enchente* como “Schreckwort”, isto é, palavra de espanto, susto, medo, documen-

¹ Poema de Lindolf Bell, publicado no **Jornal de Santa Catarina**. Blumenau, 09 e 10/10/83, p. 30.

² THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: **Tradiccion, revuelta y consciência de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona: Crítica, 1984. p. 247.

³ Citado por BUTZKE, Ivani Cristine. **Ocupação de áreas inundáveis em Blumenau (SC)**. Rio Claro, 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, p. 200.

tando assim uma *síndrome da cheia* existente na cidade. Ainda hoje muitos blumenauenses sentem pavor da enchente porque ainda a consideram um fenômeno natural, desconsiderando a participação antrópica na ocorrência dos prejuízos. Por isto, nesta conjuntura de pavor, medo, desespero, mais forte e efetivo se sentia o impacto das palavras nos discursos da municipalidade.

Exatamente após a catástrofe, no momento da reconstrução, a municipalidade faz ressurgir com muita intensidade o discurso da "operosidade germânica", que representa o blumenauense como um indivíduo trabalhador, perseverante e batalhador, porque descendente de colonos alemães. As enchentes assim se tornaram símbolo da "capacidade de trabalho e reconstrução" do blumenauense, referência que é impressa nas páginas dos jornais, relatórios oficiais, editais, e proferida nos púlpitos e meios de comunicação de massa. O rio Itajaí-Açu invade as casas com suas águas e com palavras.

No ano de 1983 a frequência das enchentes (somente de janeiro a agosto havia ocorrido sete inundações), causou prejuízos nunca antes sofridos. Somente no período de 06 de julho a 02 de agosto de 1983, ocorreram seis inundações, deixando muitos pontos da cidade alagados por um mês. O índice a que chegou o nível do rio Itajaí-Açu foi o terceiro maior desde a fundação da cidade e o segundo maior em volume de águas. A frequência das inundações em tão pouco espaço de tempo, praticamente um mês, caracterizou a grande enchente de 1983 como atípica. Mesmo não tendo atingido um nível superior ao da enchente de 1911, a permanência das águas em níveis elevados foi muito maior. Também foi a enchente que mais estragos trouxe, em virtude da intensa urbanização. Blumenau havia se transformado por um mês, na "Veneza brasileira", na "Blumenáutica"⁴.

Houve um colapso das obras públicas e inviabilização do plano do governo municipal, então representado pelo prefeito Dalto dos Reis, do PMDB. Houve aumento do índice de desemprego, diminuição do poder aquisitivo da população, com reflexo na arrecadação do município⁵.

⁴ STODIECK, Beto. Surgindo das águas: a Blumenáutica. *Jornal de Santa Catarina, Blumenau*, 08, 09 e 10.08.84, p. 07.

⁵ Prefeitura já levantou os prejuízos. *Jornal de Santa Catarina*, 16.08.1983.

Muitos dados referentes a prejuízos não foram computados por não serem passíveis de levantamento. Além do bloqueio no processo de instalação e expansão de empresas, muitas pediram falência ou deixaram a cidade⁶. Quase 1.500 microempresas possuidoras de 1 a 50 empregados estavam prestes a ruir. Setenta por cento do parque industrial se paralisou. Cerca de noventa por cento do comércio citadino teve seus estabelecimentos alagados, em virtude do centro comercial da cidade estar localizado exatamente em área facilmente sujeita a inundações, junto às três principais ruas do centro, paralelas à margem direita do rio. Interromperam-se também todos os serviços relacionados ao fornecimento de água, energia elétrica, telefonia e serviços de transporte coletivo.

Não só em Blumenau, mas em toda Santa Catarina as conseqüências das enchentes foram significativas. Dos 199 municípios, 140 foram alagados em julho de 1983. Cerca de 50% dos estabelecimentos comerciais e industriais do estado foram inundados. Em virtude dos prejuízos de cerca de 6.700 fábricas, houve a paralisação de cerca de 225.000 operários, contingente maior que o mobilizado por qualquer greve nacional na época⁷.

No entanto, não foi somente o poder público, as indústrias e o comércio de Blumenau que sofreram com as enchentes, mas principalmente a população mais humilde, moradora das áreas baixas e das zonas de risco. Numa população de 160.000 habitantes, havia 90.000 flagelados. Os prejuízos dessas famílias pobres não aparecem na contabilidade oficial. Muitas delas tiveram perdas totais definitivas e irrecuperáveis na própria qualidade de vida. Sálvio Muller⁸ chega a falar em "stress" psicossocial causado pelas enchentes. Diante da inviabilização orçamentária do governo municipal, o poder público, através da imprensa⁹, incitou a po-

⁶ 1984: manter parque industrial passa a ser o grande desafio da cidade. **ACIB 90 anos de memória**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.

⁷ O país socorre o sul: a enchente do século. **VEJA**, Ed. Abril, no. 776, 20.07.83, p. 22/31.

⁸ MULLER, Sálvio A. **Opressão e depredação (A construção da Barragem de Ibirama e a Desagregação da Comunidade Indígena Local)**. Blumenau: Editora da FURB, 1987, p. 31/33.

⁹ Não consideramos aqui os artigos da imprensa como mero jogo de palavras, sem sentido. O discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos aconteci-

pulação a reconstruir a cidade, e para isso se utilizou largamente da dignificação do povo, ao identificá-lo com inúmeros adjetivos positivos. O "stress" psico-social provocado pelas enchentes era tratado com palavras.

As enchentes de 1983 e 1984 representaram um agravante a um fenômeno já em andamento: o declínio da atividade econômica catarinense, que seguia uma tendência nacional. Conforme Idaulo Cunha¹⁰, a década de 80 foi de quase estagnação da economia brasileira, sendo acompanhada a nível estadual, por um declínio da indústria tradicional de transformação, provocando um crescimento da indústria da economia informal, isto é, a terceirização e a disseminação de subempregos. Reduziram-se também os investimentos produtivos nas indústrias tradicionais, inclusive no complexo têxtil de Blumenau¹¹. Isto significou uma inflexão significativa da economia blumenauense, pois a indústria têxtil era responsável, em 1983, por 60% da arrecadação fiscal do município. Idaulo Cunha fala inclusive em queda da representatividade da microrregião colonial de Blumenau na economia estadual¹². As enchentes vieram a agravar esta situação de crise.

A necessidade de se angariar verbas federais para a reconstrução da cidade leva muitos políticos e empresários blumenauenses a fazer questão de levantar a contribuição econômica de Blumenau ao estado e ao país, com destaque para a "tradicional operosidade" de seu povo, como justificativa para o auxílio federal: "(...) *Precisamos reconstruir Blumenau, que é uma cidade que sempre contribuiu com o produto do trabalho de seus habitantes para o progresso do Brasil*"¹³.

A busca de verbas move a auto-afirmação de uma identidade supostamente atribuída ao blumenauense. Isto aparece claramente nas palavras de políticos locais, ao identificarem o povo blumenauense como

mentos que serão recordados no futuro e se comporta também como uma prática social produtora de sentidos. Ver ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 1992, p. 33.

¹⁰ CUNHA, Idaulo José. **O salto da indústria catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992. p. 186.

¹¹ Idem, **ibidem**, p. 192.

¹² Idem, **ibidem**.

¹³ **A Notícia**, 21.07.83, p. 7.

“diferente” porque movido pelo trabalho. Uma cidade com uma “identidade própria”, constituída fundamentalmente “*por um certo espírito, uma certa tradição, um certo modo de ser e agir*”¹⁴, caracterizado pela capacidade de trabalhar e lutar para criar riquezas e serviços:

(...) Nem sequer a honra de um povo que não vive de esmolas, mas de trabalho, foi respeitada (...) A esmola que prometeram, no município ninguém viu. Mas se o governo age assim, o nosso povo é diferente*. Aqui cada tijolo foi posto, misturando-se a argamassa com o suor do trabalho, aqui ninguém prospera com facilidade, aqui ninguém vive sob o manto do paternalismo, aqui cada filho honra o nome que o pai lhe legou, aqui o patriotismo existe na sua essência, aqui não existe lugar para o sectarismo. Aqui se vive às expensas do suor do povo que trabalha com honestidade e abnegação (...) Blumenau, todos nós sabemos, se impõe nesta nação, e até internacionalmente, pela operosidade de sua gente (...) ¹⁵.

O discurso da municipalidade também usa da etnicidade para mostrar um povo diferente do resto do país, através do ideário da colonização. Esse modo “diferente de ser brasileiro” afirma uma identidade que é buscada na ideologia étnica teuto-brasileira. É um dos pilares da germanidade¹⁶, que depois das enchentes de 1983 e 1984 foi altamente divulgado em Blumenau, foi o **valor trabalho**. Giralda Seyferth afirma que “(…) a superioridade do trabalho alemão sempre fez parte integrante da ideologia étnica teuto-brasileira”¹⁷. Esta idealização do “trabalho ale-

¹⁴ KONDER, Victor Marcio. Blumenau, cidade indômita. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 28 e 29.08.83.

¹⁵ **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 23.08.83 (palavras de Antônio Tillmann, presidente da Câmara de Vereadores de Blumenau e membro do PMDB). * Grifo meu.

¹⁶ Utilizo aqui o conceito de germanidade também utilizado por Giralda Seyferth “inclui tudo o que pode ser entendido como ‘étnico’ na concepção de Grillo (1974: 159-160): ‘uma classificação ou ordenamento do mundo humano, um conjunto compreensível de categorias definidas por referência a uma idéia de origem comum, ancestralidade e herança cultural’”. Conforme SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p.3.

¹⁷ SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 197.

mão” servia para marcar uma diferença, considerada fundamental, entre os membros do grupo e os que não pertencem a ele.

No entanto, a partir da década de 80, em razão das festas promovidas pelas secretarias municipais de turismo, ocorre uma superidealização e positivação do elemento teuto no estado de Santa Catarina¹⁸. A cidade de Blumenau passa a ser identificada, em sua totalidade, como teuto-brasileira. O conceito “trabalho alemão” passa a ser superexplorado também para a marcação de diferenças entre Blumenau e outras regiões do país. A “valorização do trabalho alemão” extrapolou os limites da etnia teuto-brasileira, para se tornar um dos critérios fundamentais de identificação da cidade. Não só quem é descendente de alemães, mas Blumenau em sua totalidade é identificada pelo discurso da municipalidade como “Cidade do Trabalho”, cidade germânica, sendo propagandeada nacionalmente como uma cidade encravada no “*Vale Europeu de Santa Catarina*”¹⁹.

Como o **valor trabalho** pôde se sobressair e se torna o elemento fundamental para a identificação da cidade de Blumenau? Na década de 80, o valor dado à língua alemã perdeu significância como critério de estabelecimento da identidade teuto-brasileira, por causa do seu abandono progressivo no meio urbano. O abandono do uso cotidiano da língua alemã contribuiu para uma maior valorização da dita “maior capacidade de trabalho” do elemento de origem teuta. Diante da intensa miscigenação étnica no vale do Itajaí, provocada pelas constantes migrações, o valor dado à origem alemã também foi colocado à margem, fazendo com que o **valor trabalho** fosse super-valorizado. A necessidade da reconstrução de Blumenau após as catástrofes de 1983 e 1984 só fez aumentar a intensidade do discurso de dignificação do trabalho em Blumenau.

No contexto da crise econômica da década de 80, ocorre a busca de verbas para a reconstrução da cidade. Neste processo, os discursos presentes nos jornais utilizam-se do elemento “trabalho alemão” para tecer distinções entre o blumenauense e o nordestino. Também naquela

¹⁸ Ver SANTOS, Sílvio Coelho dos. A política da valorização étnica. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06.03.93, p. 09.

¹⁹ Outdoor visto na BR 101, no trecho Brusque-Blumenau, dando boas vindas aos turistas.

época, paralelamente às enchentes no sul, o nordeste do país sofria a grande seca. Portanto, a disputa pelas verbas federais era grande, provocando entrechoques entre o sul e o nordeste. Neste contexto se ressuscita a antiga contraposição entre o elemento teuto-brasileiro e o luso-brasileiro. Se antes, nos debates políticos ocorridos em Santa Catarina, usava-se do elemento “trabalho alemão” para se distinguir o descendente de imigrantes alemães do interior, do “caboclo brasileiro” do litoral²⁰, com as enchentes que arrasaram não só Blumenau mas todo o estado, usou-se o mesmo elemento para se distinguir não só o blumenauense, mas também o catarinense, do nordestino. O discurso étnico teuto-brasileiro extrapolou fronteiras e o velho debate litoral-interior, “alemão trabalhador” - “caboclo indolente”, foi esquecido por um momento e o manto da etnicidade teuto-brasileira acobertou todo o estado, dando-lhe uma imagem só: a do estado exemplar. E Blumenau, como precursora e difusora deste discurso, é transformada em espelho do estado de Santa Catarina: *“uma cidade que, quer queiram ou não, em matéria de turismo tem contribuído eficazmente não só para melhorar a economia catarinense, como para projetar a imagem do estado de Santa Catarina”*²¹.

Assim, durante a reconstrução, numa conjuntura na qual também repercute na imprensa nacional a catástrofe das secas do Nordeste, o blumenauense é retratado como o oposto ao sertanejo, tido como fatalista, uma pessoa que se entrega *“(...) a forças que não pode dominar (...) Quando não pode mais, emigra”*²². Apesar dos obstáculos, lá a seca, aqui as enchentes, o blumenauense, pelo contrário, *“não é conformista. Não aposta apenas na sobrevivência. Luta para progredir”*²³.

Para construir uma memória que identifique o blumenauense como germânico, ordeiro e trabalhador, o discurso da “laboriosidade blumenauense”, retomado durante a reconstrução, “desenterra” a história

²⁰ ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo: PUC/SP, 1989 (dissertação de Mestrado).

²¹ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. **Diário da Assembléia Legislativa** de 04.10.83. No. 2673, p. 2

²² KONDER, Victor Márcio. Blumenau, cidade indômita. **Jornal de Santa Catarina**. Blumenau, 28 e 29.08.83.

²³ Idem. **Ibidem**.

da colonização alemã de Blumenau. Essa memória construída seleciona do século passado alguns elementos, como o pioneirismo dos colonos, para conferir à cidade uma identidade. Neste sentido “(...) *memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda*”²⁴. Dignifica-se o papel dos colonizadores alemães que, segundo este discurso, transformaram selva em sociedade civilizada.

Esta referência ao pioneirismo aparece logo que as águas baixaram, na justificativa para a implantação do Projeto Nova Blumenau, idealizado pela Prefeitura Municipal para reconstruir a cidade, após a catástrofe de julho de 1983. A municipalidade lança mão do discurso de que representa uma “*questão de honra em relação ao passado*”, reconstruir a cidade. A própria cidade é representada como fruto não só das águas do rio Itajaí-Açu, mas da água contida no suor e nas lágrimas dos imigrantes: “*Nossos antepassados construíram esta terra, desbravaram matas e enfrentaram selvagens para legar-nos Blumenau, que é fruto de muito suor e lágrimas, muita luta e sangue...*”²⁵

A cada enchente, o discurso da “laboriosidade blumenauense” é retomado, incitando a população à silenciosa tarefa de limpar suas casas. A municipalidade, visando legitimar o Projeto Nova Blumenau, institui o ano de 1983 como um marco na história da cidade, um “ano fatídico”²⁶, inaugurador de uma “Nova Blumenau”, de uma nova era para sua história. E a memória construída acerca do pioneirismo dos colonos é uma maneira de se justificar a necessidade de se “tirar a cidade da lama”, tal qual os imigrantes o fizeram por tantas vezes. Esta memória serve de paradigma a ser seguido. Conforme constata Michael Pollak, “*a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade (...)*”²⁷. Os elementos atribuídos ao pioneirismo

²⁴ AMADO, Janafna. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **Revista de História da Unesp**, São Paulo, v. 14, 1995, p. 132.

²⁵ Folheto NOVA BLUMENAU - Um compromisso de todos. Prefeitura Municipal de Blumenau.

²⁶ Edital de Convocação ao Projeto Nova Blumenau.

²⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 09.

alemão, apropriados por essa memória, são manipulados no sentido de inculcar no povo a obrigação moral de se suplantar todos os obstáculos, tal qual eles suplantaram. Tal discurso lança o desafio aos blumenauenses de 1983, de provar ao resto da sociedade, serem dignos de seus antepassados, lembrados como fortes, trabalhadores e corajosos:

(...) desfigurada e perplexa, nossa comunidade ordeira, trabalhadora e progressista se viu golpeada de surpresa (...) Para recomeçar termos, como bravos pioneiros, de nos valer da garra e do inquebrantável espírito de luta da gente blumenauense, criativa, forte e renovadora (...) Será no espírito empreendedor do blumenauense, em sua fortaleza moral que haveremos de nos abrigar.²⁸



Vista da Avenida Beira Rio - Enchente de 1984

A conjuntura das enchentes em 1983 e 1984 evidencia o fato de que a identidade constantemente tende a ser oxigenada, realimentada, reelaborada. Mudam-se as conjunturas e a identidade cultural, diante das mudanças, tende a reafirmar e realimentar seus elementos ou mesmo a redimensioná-los. Um dos objetivos deste texto foi exatamente demons-

²⁸ Prefeito conclama comunidade a participar de um amplo programa de restauração de Blumenau. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 11.08.83.

trar o quanto a germanidade em Blumenau foi reelaborada durante as enchentes de 1983, sob iniciativas políticas e econômicas, através da supervalorização do elemento **trabalho**, como forma de se promover a reconstrução da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **Revista de História da Unesp**. São Paulo, v. 14, 1995.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado em História) - PUC/SP.
- BUTZKE, Ivani Cristine. **Ocupação de áreas inundáveis em Blumenau (SC)**. Rio Claro, 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP.
- CUNHA, Idaulo José. **O salto da indústria catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.
- MULLER, Sálvio A. **Opressão e depredação (A construção da Barragem de Ibirama e a Desagregação da Comunidade Indígena Local)**. Blumenau: Editora da FURB, 1987.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994, 1a. edição.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: **Tradicion, revuelta y consciência de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona: Crítica, 1984.

**Testamento
de José
Henrique
Flores
Filho (1891)**

Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, em quem eu José Henrique Flores firmemente creio, e em cuja fé protesto viver e morrer. - Este o meu testamento e última vontade. - Declaro que me achando doente de cama, porém no gozo perfeito de minhas faculdades intelectuais, pedi a Manoel dos Santos Lostada para por mim escrever esta minha última vontade. - Declaro que sou natural deste Estado de Santa Catarina, filho legítimo do Tenente Coronel José Henrique Flores, já falecido, e de sua mulher D. Maria Clara da Silveira Flores. - Declaro que sou casado com Maria Luzia da Silveira Flores, de cujo matrimônio não existem filhos. - Declaro que sendo ainda viva minha mãe, lego sem exclusão alguma á minha mulher todos os bens que constituem a minha terça e da qual legalmente posso dispor; sendo que se eu sobreviver á minha mãe, será então minha mulher a minha única e legítima herdeira. - É de minha vontade que sejam meus testamenteiro, em primeiro lugar minha mulher, e em segundo, o Dr. José Bonifácio da Cunha, aos quais rogo fazer-me a obra pia de executar.- - É também de minha vontade que, se este não valer como testamento, valha como codicilho. Esta a minha última vontade e disposição para depois da minha morte, e por este testamento revogo qualquer outro. - Blumenau, 16 de Março de 1891.



* Os originais deste documento fazem parte do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundo Judiciário.

Auto de Aprovação

Ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e noventa e um, aos dezesseis dias de Março do dito ano nesta Vila de Blumenau no lugar de Ribeirão Fresco e casa de morada de José Henrique Flores, onde eu Tabelião vim a seu chamado, e sendo o mesmo doente em uma cama, mas em seu perfeito juízo e claro entendimento, segundo meu parecer, e das testemunhas adiante e com cartas assinadas que no mesmo se afirmarão e comigo concordarão; por aquele na presença das mesmas testemunhas foi dado das suas mãos as minhas este papel, vize digo este papel que se achava fechado comigo, dizendo me era o seu testamento, disposição de última vontade, que a seu rogo lhe tenha escrito Manoel dos Santos Lostada e ele testado e assinado; e me requeria que lhe aprovasse, quando em direito se requer; e pegando no dito papel, assinado e passado pelos olhos achei que estava escrito pela letra do dito Manoel dos Santos Lostada, assinado pelo testador e é feito em lauda e meia de papel sinalizado onde este principia sem borrão, riscadura, entre linha, vício ou cousa que dúvida faça; pelo que, e porque me respondeu afirmativamente as perguntas que fiz, se este era o seu testamento, si fora feito a seu rogo, se o havia por bom, firme e valioso, se queria lhe aprovasse e o mais que a lei recomenda, dizendo-me que aquele era o seu testamento e o tinha por bom, firme e valioso, lhe aprovei, e hei por aprovado tanto quanto em direito é permitido, e requerer, começando este auto de aprovação logo em seguida a assinatura do testador, e o rubriquei em sua folha com o expedido Fides Deeke de em uso; ao que foram testemunhas presentes Dr. Vitorino de Paula Ramos, Manoel dos Santos Lostada, Dr. Frederico Rolle, João Jacob Müller, Sebastião Machado de Oliveira, que a tudo assistiram, e ouviram ler; eis que dou minha fé, e aqui como testador assinaram. Eu Fides Deeke, tabelião, que a escrevi e assinei.

assinam: José Henrique Flores Filho;
Manoel dos Santos Lostada;
João Jacob Müller;
Sebastião Machado de Oliveira;

Vitorino de Paula Ramos;
Frederico Rolle;
Fides Deeke; e,

Termo de apresentação e abertura.



José Henrique Flores Filho

Aos vinte e oito dias do mês de Março do ano de mil oitocentos e noventa e um, as três horas da tarde nesta Villa de Blumenau em casa de D. Maria Lucia de Oliveira Flores, viúva de José Henrique Flores, onde se achava o Juiz provedor Doutor Manoel Cavalcanti da Arruda Camara, comigo escrivão abaixo nomeado presentes a D. Maria Clara da Silveira Flores, Eloy Henriques Flores, Josephina Pinheiro flores e as testemunhas, Luiz Schramm e Manoel dos Santos Lostada foi pela dita viúva D. Maria Lucia de Oliveira Flores apresentado o presente testamento ao dito Juiz. Dizendo que lhe for entregue por seu finado marido; e examinando

o mesmo juiz os pingos de lacre e ponto de linha branca com que se achava lacrado e cosido o mesmo testamento verificou acharem-se intactos os mesmos pontos e os pingos de lacre encarnado em número de nove e tendo o sobre escrito do qual via-se ser o testamento de José Henrique Flores aprovado em dezesseis do corrente pelo tabelião Fides Deeke e declarando a dita viúva ter seu dito marido José Henriques Flores, natural deste estado, filho do Tenente Coronel José Henrique Flores, já falecido e de sua mulher D. Maria Clara da Silveira Flores, morador desta Villa, falecido no dia dezoito do corrente em sua residência, contou as linhas e rompeu os lacres que fechavam o testamento que depois de examinado internamente pelo dito juiz foi por ordem deste por mim escrivão lido com altas vozes em presença de todos os circunstantes; sendo que não foi encontrado pelo dito juiz qualquer emenda, rasura, borrão, rasgo a terça ou qualquer defeito dentro ou fora da referido testamento; do que

para constar-las no presente auto que depois de lido assinaram com o Juiz todos os presentes do que dou fé. Eu Fides Deeke, escrivão que escrevi.

assinam: Pontes Manoel Cavalcanti da Arruda Camara
Maria Luzia de Oliveira Flores
Maria Clara da Silveira Flores
Eloy Henrique Flores
Josephina Pinheiro Flores
Luis Schramm
Manoel dos Santos Lostada

Pagou o selo correspondente e folhas inclusive duas que seguem em branco.

Blumenau em 25 de março 1891.
Fides Deeke

**Como os
Alemães
Educam seus
Filhos**

Apresentamos a seguir, um artigo publicado em maio de 1909, no Jornal "Mitteilungen der Deutschen Schulvereins fuer Santa Catarina", órgão vinculado à Sociedade das Escolas Alemãs de Santa Catarina, cuja função era melhorar o nível intelectual do professorado particular a ela filiado, proporcionar facilidades para a aquisição de material didático, defender os direitos dos mestres, auxiliar as comunidades escolares nos vários distritos e linhas coloniais e fundar uma Caixa de Auxílios aos necessitados de tratamento médico.

"Mitteilungen" teve a assídua colaboração de nomes destacados no magistério particular, como: Carlos Büchler, Rudolf Damm, poeta e autor de uma gramática portuguesa, tradutor de várias obras de autores nacionais, Rodolfo Hollenweger, autor de um Manual para as escolas primárias e de vários outros professores que tiveram renome pela sua capacidade e dedicação ao magistério.

Para a história do ensino primário no Vale do Itajaí, a coleção desse jornal é de extraordinária importância, pois não se limitou à publicação de artigos doutrinários e lições práticas de pedagogia e de técnica de ensino, mas também, dados estatísticos sobre matrículas e aproveitamento dos alunos, número de professores e de Comunidades Escolares existentes no Vale do Itajaí.

O Arquivo Histórico de Blumenau é o órgão depositário desta fonte de pesquisa para possibilitar estudos sobre a memória educacional do Vale do Itajaí.

**) Tradução de Annemarie Fouquet Schünke.*



Wie die Deutschen ihre Kinder erziehen

In jeder Familie geht man etwas anders mit den Kindern um. Drum gibt es streng genommen so viele Erziehungsweisen wie Eltern. Aber in den Familien, welche derselben Gesellschaftsklasse angehören, haben sich mit der Zeit ähnliche Ansichten über die Erziehung ihrer Kinder herausgebildet. In Deutschland sind die Grundsätze über Erziehung am ausgeprägtesten bei dem Adel. Der Edelmann ist oder war Offizier. Seine Gemahlin entstammt einer alten Offiziersfamilie. Der Sohn wird demnächst auch in die Armee eintreten. Somit wissen die Eltern das Ziel der Erziehung und ganz bestimmt auch die Mittel, die sie anwenden müssen, um ihren Sohn zum tüchtigen Offizier herauszubilden. Zunächst wird dem Kleinen die Lust zum Waffenhandwerk geweckt. Der Weinachtsmann wird beauftragt, für das Kind Helm, Säbel und Uniform unter den Tannenbaum zu legen. Tritt der Vater in das Kinderzimmer, so muß der Kleine sofort aufhören zu spielen und sich militärisch stramm hinstellen. Bei Tisch darf er nicht vor den Eltern anfangen zu essen und vor allen Dingen nicht schwatzen. Der Lehrer wird gebeten, möglichst strenge mit den Knaben zu verfahren und ermächtigt, wenn er Widerworte gibt, mit den Stock zum augenblicklichen Gehorsam zu zwingen. Nachdem der Junge sich im Elternhause die Anfangsgründe angeeignet hat, wird er etwa mit dem 10. Lebensjahre zur weiteren Ausbildung auf eine Kadettenschule oder Akademie geschickt. Hier herrscht eine militärische Disziplin. Die Trommel regelt bis auf die Minute den Dienst. Ein Arrestlokal befindet sich im Nebengebäude und mit Bestrafung wird bei Übertretungen nicht gespart. Einige Lehrer sind aktive Offiziere, die dem Kadetten ebenso energisch gegenüberreten wie dem Rekruten auf dem Exerzierplatz. Das Essen ist sehr einfach. Die Kleidung ist die Uniform. Alle ihre Sachen müssen die Knaben selbst in Ordnung halten. Das ist das Allerwichtigste. Eltern, die so reich sind, daß sie jedem Kinde einen stets gefälligen Diener halten können, geben ihre Knaben jahrelang in eine Anstalt, wo sie nur zu gehorchen, aber nichts zu kommandieren haben, sondern im Gegenteil, alles selbst machen müssen. Eine solche harte Schule bereitet fürs Leben vor. War es in Frankreich in Eis und Schnee oder in Afrika im brennenden Wüstensande, niemals hörte man, daß der deutsche Offizier über Strapazen klagte. Deshalb wagte Bismarck zu sagen: "Den Offizier macht uns keiner nach". Wo selbst junge Prinzen des Königshauses als Offiziere tagtäglich die langen Übungsmärsche zu Fuß zurücklegen müssen, obwohl sie die schönsten Pferde im Stalle haben und wo sie im Dienst wie jeder andere dem

Como os Alemães Educam seus Filhos

Em cada família os filhos são educados de modo diferente, e por isso há tantos métodos de educação quanto pais. Mas famílias que pertencem a mesma classe social, desenvolveram uma maneira idêntica de educação. Na Alemanha, é na aristocracia que estas são mais marcantes. O nobre é ou foi oficial, sua esposa descende de uma tradicional família de militares e o filho também entrará para as Forças Armadas. Desse modo eles conhecem o objetivo e os meios de educação a serem aplicados, para que seu filho se torne um bom oficial. É despertado o interesse pelas armas e o Papai Noel é encarregado de trazer capacete, espada e uniforme. Quando o pai entra no quarto do filho, este imediatamente tem que parar de brincar e ficar em posição de sentido. À mesa, não pode começar a comer antes dos pais e sobretudo precisa ficar em silêncio. Pedese ao professor que seja severo e em caso de protesto obrigá-lo a obedecer, aplicando-lhe, se necessário, castigo físico. Mais ou menos aos 10 anos, após ter assimilado os ensinamentos básicos em casa, é enviado à Escola de Cadetes ou Academia de Cavalaria, onde vigora uma disciplina militar. É o tambor que determina o horário com precisão. Há uma sala de detenção e qualquer transgressão é punida. Alguns professores são oficiais da ativa e tão enérgicos com os cadetes quanto com os recrutas em exercício. A comida é muito simples, a vestimenta é o uniforme. Os rapazes são responsáveis pela manutenção de todos seus pertences, isto é fundamental. Pais ricos, que poderiam manter um pajem para seus filhos, optam por uma instituição onde eles precisam obedecer e não comandar, e fazer tudo pessoalmente. Esta disciplina rigorosa os prepara para a vida. Aonde quer que fosse, no inverno da França ou nas areias escaldantes da África, jamais ouviu-se dizer que um oficial alemão se lamentasse de fadiga. Por isso Bismarck ousou em afirmar: "Não existe oficial como o nosso". Príncipes da casa real, sendo oficiais, diariamente se submetem à longas jornadas, mesmo tendo os melhores cavalos à disposição, no serviço obedecem às ordens de seus superiores sem vacilar. Então decididamente não existem privilégios. Somente pela rigorosa educação, a dinastia dos Hohenzollern se mantém há mais de 500 anos no trono, pois o

Befehl des Obersten augenblicklich Folge leisten müssen, da kann von Verweichlichung nicht die Rede sein. Ganz allein der straffen Kinderzucht im Hause der Hohenzollern ist es zuzuschreiben, daß dieses Geschlecht länger als 500 Jahre auf dem Throne sitzt. Das Beispiel des Adels beinflusst das ganze Volk. Aber je mehr nach unten, je unklarer wird die Erziehung. Schon der Mittelstand hat keine so festgefügte Erziehungsform. Ihm fehlt das genaue Ziel. Denn seine Kinder folgen nicht immer dem Berufe ihres Vaters, sondern wählen sich selbst, wenn sie größer werden, ihren Erwebszweig. Da ihnen alle Berufe offen stehen, so finden wir in diesen Familien kaum zwei Söhne in derselben Stellung. Jeder will sich nach seinen eigenen Anlagen und Neigungen betätigen. Da diese in jedem Menschen etwas verschieden sind, so werden immer neue Erwebszweige aufgedeckt. So treffen wir gerade in Deutschland eine Unzahl von Berufen. Darum sind solche Meinungen, wie in Deutschland ist nur eine durch militärische Macht zusammengeschnürte Volksmasse, unrichtiger als irgend etwas. Die vielen Spaltungen in Kirchen, politischen Parteien, Gesellschaften, Berufe, Vereine usw. sind der sprechendste Beweis, daß dort alle Kräfte wirken. Dieses Leben konnte sich nur in der Freiheit entwickeln und in dem Volke, das vielseitig und fein begabt ist. Es gibt nämlich Völker, die sich von oben bis unten nur einem einzigen Berufe zuwenden, wie die Armenier z. B., welche alle Handel treiben. Andere wie z. B. die Zigeuner, können sich an keine stetige Beschäftigung gewöhnen, sondern ziehen von Ort zu Ort. Andere wieder, wie die Chinesen, kleben so fest am Heimatboden, daß sie dort lieber halb verhungern als im fremden Lande verborgene Schätze zu heben. Alle diese Völker sind zu einseitig begabt. Sie erregen wohl durch einige Geschicklichkeiten Bewunderung, aber ihr Arbeitsfeld ist zu eng, um vorschrittlich zu sein. Das ist bei den Deutschen anders. Sie finden sich in allen Berufen. Gerade hier kann man so recht sehen, was eigentlich alles in ihm steckt. In seiner Jugend hat er selber nicht einmal gewußt, was er noch alles werden könne: Arbeiter, Lehrer, Kolonist, Kaufmann u. a. Auf irgend eine Weise schlägt er sich durchs Leben. Das ist nur möglich wegen seiner Veranlagung und Schulung. Deshalb fordert die deutsche Unterrichtsverwaltung die Ausbildung aller menschlichen Kräfte und Anlagen. Nicht nur das wird im Schüler gepflegt, was er in seinem engen Berufe braucht, sondern alles, was überhaupt Gutes in ihm steckt. Jeder Vater schickt darum seinen Jungen, wenn es ihm eben möglich ist, noch einige Jahre zur höheren Schule, damit dessen Geist verfeinert werde. Von klein auf an werden sie im Hause zur Arbeit angehalten. Wird diese auch so unbeholfen ausgeführt, daß sie vollständig wertlos ist, schadet

exemplo da aristocracia influencia o povo. Mas nas classes sociais menos favorecidas a educação se torna mais indefinida. Mesmo a classe média não tem as regras de educação tão precisas, lhe falta um objetivo, pois seus filhos nem sempre seguem a carreira do pai, mas optam por uma profissão de sua livre escolha. E é por isto que dificilmente encontramos irmãos na mesma profissão. Cada qual quer uma de acordo com sua vocação e aptidão, e como isto difere de pessoa para pessoa, surgem novos meios de trabalho. Assim encontramos precisamente na Alemanha inúmeras profissões. Por isso é completamente errado, o conceito de que a Alemanha se tornou um povo homogêneo somente pelo poder militar. As divisões entre igrejas, partidos políticos, sociedades, profissões, clubes, etc., são provas contundentes das forças que lá atuam. Este modo de vida só pôde se desenvolver em liberdade e somente num povo dotado de múltiplos interesses. Pois existem povos, como os armênios, em que todas as classes sociais se dedicam somente ao comércio. Outros por sua vez, como os ciganos, não se acostumam a um trabalho contínuo e são nômades. Já os chineses são tão arraigados à terra que preferem passar fome a procurar uma vida melhor em lugares distantes. Todos estes povos são muito unilaterais, apesar de despertarem admiração por algumas habilidades, mas seu campo de trabalho é muito restrito, para terem um bom desenvolvimento. Já os alemães se adaptam a todas profissões e é aí que se percebe seu potencial. Na juventude nem ele mesmo sabe o que poderá vir a ser, se empregado, professor, colono, comerciante, etc. Isto só é possível por causa de sua educação e de suas habilidades. Por isto a administração do ensino alemão quer desenvolver todo potencial humano. Não é dado só atenção ao que necessita na profissão, mas a todas as suas aptidões. Por isso, quando possível, todo pai envia seu filho a uma escola superior, para um desenvolvimento maior do intelecto. Desde pequenos são incentivados a fazerem pequenas tarefas caseiras, mesmo que sejam executadas de maneira desajeitada. O importante é fazê-las. Se moram em cidades grandes e não têm o que fazer, enviam seus filhos para jardins de infância, onde terão uma ocupação orientada. Quando freqüentam a escola, os pais, mesmo os mais humildes, supervisionam as tarefas, e observam se a criança está vestida de acordo, antes de sair de casa.

nichts, daß das Kind überhaupt arbeitet, das genügt. Haben die Eltern wie in den großen Städten keine Arbeit für die Kinder, so senden sie dieselben zum Kindergarten, wo sie sich zweckmäßig beschäftigen. Geht das Kind später regelrecht zur Schule, so halten die Eltern, selbst die einfachsten, streng darauf, daß es seine Schulaufgaben sauber anfertigt, rein gewaschen und gekämmt aus dem Hause geht.

“Denn wo nicht immer von oben die Ordnung und Reinlichkeit wirkt,

Da gewöhnet sich leicht der Bürger zu schmutzigem Saumsal
Wie der Bettler sich auch an lumpige Kleidung gewöhnt”

sagt der größte deutsche Dichter Goethe, und er hat recht. Soll aber die Ordnung von oben wirken, so müssen die Kinder vor Eltern und Lehrern gehörigen Respekt haben. Diese Erziehung zum Gehorsam wird in Deutschland am meisten angestrebt. Das ist äußerst schwer, denn sie gelingt nur den Eltern die einsichtig und beständig sind. Gertrud, die Frau des Maurers Lienhard verstand das meisterhaft. Als sie sah, daß ihr Mann betrunken nach Hause kam, fing sie nicht an zu schimpfen und zu lärmern, sondern sie führte ihn zu Bett, damit es die Kinder nicht merkten. Das sagt alles. Wilde Völker haben, drum da sie sich nicht beherrschen können, keinen Respekt bei ihren Kindern. Auffällig dagegen ist es, daß die Heiden zu ihren Säuglingen geradezu eine wahnsinnige Liebe zeigen. Negerinnen aus Afrika galten darum früher in Brasilien als die sorgsamsten Kindermädchen. Diese Affenliebe, wie sie in Deutschland genannt wird, nimmt mit den Jahren so ab, daß das erwachsene Kind den Eltern vollständig gleichgültig wird. Gerade das Umgekehrte bemerkt man bei einem Kulturvolke. Je mehr das Kind heranwächst, je mehr sich die Kräfte entfalten, desto inniger wird die Zuneigung. Den Eltern steht mehr die Zukunft vor Augen als die Gegenwart. Da nun vernünftige Eltern bedenken, daß das Leben niemanden goldene Seide spinnt, so bereiten sie ihr Kind durch eine ernste Zucht auf den Kampf des Lebens vor. In Deutschland nun wird das Verständnis für Unterordnung unter einen einsichtigeren Willen vermehrt durch die allgemeine Wehrpflicht. Sie führt jedem künftigen Familienvater deutlich vor Augen: Gehorsam muß sein! Ein Vater, der Soldat gewesen ist, beschwert sich nicht über einen Lehrer. Er weiß, was es heißt, wilde Rangen in Zucht zu halten. Das Ausland, namentlich Frankreich hat nach dem Auftreten von Rousseau, dem deutschen Volke oft gepredigt: “Ihr müß eure Kinder nicht so streng erziehen und in der Jugend zur Arbeit anhalten! Laßt dem Kinde in allen Stücken seinen freien Willen, dann wird es gut erzogen!” Nicht einmal der zartfühlenden deutschen Mutter wollte so etwas in den

Assim escreve o grande poeta alemão Goethe:

“Onde não existe exemplo de ordem e limpeza,
o cidadão se acostuma a ser relaxado
como o mendigo se acostuma a roupa esfarrapada.”

Para isso é preciso que o jovem tenha respeito pelos pais e professores. É na Alemanha, onde mais se cultiva a educação com obediência e isto é extremamente difícil, e só pais que agem com tolerância e persistência obtém êxito. Gertrud, esposa do pedreiro Lienhard, soube fazê-lo. Quando via seu marido chegar embriagado, não brigava, apenas o conduzia para a cama para que seus filhos não percebessem nada. Isto fala por si. Por isso os povos selvagens não têm o respeito dos filhos, pois não sabem se controlar. Por outro lado chama atenção o amor imenso que povos pagãos têm por sua prole. No Brasil as negras africanas eram consideradas as mais dedicadas babás. Este amor exagerado decresce no decorrer dos anos, de maneira que o filho adulto se torna indiferente para os pais. O contrário acontece nos povos de uma cultura desenvolvida. Quanto mais o filho cresce e desenvolve seu potencial, maior a afeição, pois os pais se preocupam mais com o futuro do que com o presente. Como pais sensatos sabem que a vida não é nenhum mar de rosas, preparam seu filho para a vida através de uma disciplina rigorosa. Na Alemanha, é durante o serviço militar que o jovem compreende a posição de subalterno, e como futuro pai, sabe que a obediência é necessária. Um pai que foi soldado não reclama do professor, ele sabe o que significa manter a disciplina sobre jovens rebeldes. Países estrangeiros, particularmente a França depois do surgimento de Rousseau, que pregava ao povo alemão dizendo: “Vocês não devem dar a seus filhos uma educação tão rigorosa e nem permitir que os jovens trabalhem. Dêem liberdade total, pois então eles serão bem educados.” Isto nem a dedicada mãe alemã conseguiu entender. A baronesa Annette von Droste-Hülshoff, considerada a maior poetisa alemã, elogia a educação antiga e com sutileza ironiza a nova em duas de suas poesias. * Estas poesias se encontram no texto original.

Sinn. Deutschlands größte Dichterin, Freifrau Annette v. Droste-Hülshoff, eine Frau, lobt den alten Standpunkt und verspottet den neuen in zwei Gedichte: "Alte und neue Kinderzucht I u. II." * Diese Gedichte finden sich im Originaltext.

Du sollst deinem Kinde viel von seinen Pflichten sagen und wenig von seinen Rechten, das ist der Grundsatz der deutschen Erziehung. "Nur der Geselle", pflegen drüben die Leute zu sagen, "darf mitreden, aber der Lehrling muß schweigen." Findet das Kind zuhause stets Gehör mit seinem Gerede, so daß der Vater alle Augenblick zum Lehrer läuft, dann läuft später dasselbe Kind zum Richter und klagt über seinen eigenen Vater. Freilich soll nicht unerwähnt bleiben, daß die feste Ordnung und scharfe Zucht drüben nicht jedem einzelnen behagt hat. Mancher ist übers Meer gezogen ins Neuland, wo mehr Ellenbogenweite ist und hat sich dort auf seine Weise zum tüchtigen Mann herausgebildet. Doch wohl nie hört man, daß ein solcher über seine Eltern geschimft hat. Im Gegenteil! Sie sagen: "Meine Eltern meinten es gut mit mir, aber ich war..." Das ist ein guter Zug und rechtfertigt vollkommen die deutsche Erziehungsweise. Diese ist auch nur maßgebend für deutsches Blut. Andere streben auf ihre Weise zur Vollkommenheit. Torheit wäre es unsere Gedanken für die einzig zulässigen zu halten. Aber ein größere Unsinn ist es, die durch tausendjährige Pflege uns in Fleisch und Blut übergegangenen Sitten über Bord zu werfen und sie durch neue zu ersetzen, die uns noch nicht gut kleiden. Seine Lebensweise, seinen Beruf, seinen Stand seine Arbeit, alles kann der Mensch ohne großen Schaden ändern, was aber unangetastet erhalten werden muß, daß ist eine straffe und doch fürsorgliche Kinderzucht in Haus und Schule. Fehlt der Familie die feste Ordnung, dann verkommt sie. Wer mit offenen Augen um sich schaut, findet Beispiele in Hülle und Fülle, wie gut veranlagte Kinder im Strom der Welt untergehen, weil die Eltern ihnen viel von diesem und jenem vorgeredet haben, aber ihnen nicht tagtäglich ein lebendiges Beispiel lauterer Wahrheitsliebe, ehrliches Strebens, unbeugsamen Charakter gewesen sind.

FONTE: MITTEILUNGEN des "Deutschen Schulvereins für St. Catharina" (Südbrasilien)

Schriftleitung : Rektor Strothmann , Blumenau , im Mai 1909.
(4. Jahrgang - No. 5)

A base da educação alemã consiste em ensinar ao filho tudo sobre suas obrigações e lhe falar pouco de seus direitos. O povo costuma dizer: “só o oficial pode opinar, mas o aprendiz deve silenciar.” Se o pai costuma atender ao filho e procura o professor por qualquer motivo, com certeza este um dia irá ao juiz para queixar-se do próprio pai. Não podemos deixar de mencionar que esta educação não agradava a todos. Muitos abandonaram a pátria e aí com mais liberdade e a sua maneira se tornaram cidadãos competentes. Mas jamais se queixaram dos pais, ao contrário diziam: “meus pais só queriam meu bem, mas eu era...”. Isto demonstra um bom caráter e justifica a educação alemã, mas decididamente só a ser aplicada no povo alemão. Outros povos procuram a perfeição a seu modo. Seria tolice achar que só nossa maneira de pensar é correta. Mas pior seria se deixássemos para trás uma tradição milenar e substituí-la por uma nova que nada tem a haver conosco. A maneira de viver, profissão, condição social e o trabalho, tudo isto pode ser mudado sem maiores conseqüências, mas a educação cuidadosa precisa ser mantida inalterável. Se a família não adotar uma disciplina definida, com certeza ela tende a desaparecer. Se olharmos atentamente ao nosso redor, vamos encontrar muitos exemplos de filhos dotados de boa índole, mas que sucumbiram na vida porque os pais apenas falavam, e não deram exemplo dos verdadeiros valores, como do amor à verdade, da perseverança e de caráter inquebrantável .

FONTE: MITTEILUNGEN des “Deutschen Schulvereins für ST. Catharina” - Sul do Brasil

**Redator : Diretor Strohtmann - Blumenau
Blumenau ,maio de 1909 - (Ano 4. No. 5)**

Memórias

*Curiosidades
de uma Época*

O Apiário

Texto:

*SIGFRIED CARLOS
WAHLE**



Pela antiga igreja matriz de Blumenau era responsável o Irmão Romuald, da Ordem dos Franciscanos, muito bem quisto pela comunidade, particularmente pelos colonos católicos. Sempre havia uma palavra agradável para todos. Este irmão também acumulava as funções de responsável pela sacristia.

Entre as missas, e com a igreja vazia, procurava nos candelabros restos de cera derretida em função da chama do pavio. Um dia descobrimos que ele guardava estes restos de cera numa caixa de madeira, e as velas que não mais podiam ser usadas eram reduzidas em pedaços menores quando necessário e guardadas numa outra caixa de madeira. Certa ocasião, perguntado sobre o destino desta cera recolhida, informou o Irmão Romuald, que era remetida para a Colônia, onde seria reciclada na fabricação de velas.

Intrigado sobre o porque de certas velas de promessas serem descartadas e outras aproveitadas, o Irmão informou que as velas usadas para as cerimônias religiosas, por norma canônica tinham que ser fabricadas de cera pura, e as de parafina ou com mistura de parafina ou outros componentes, como sebo, não poderiam ser usadas na Igreja.

A paróquia dos Franciscanos possuía na sua Colônia um grande apiário e facilidades de extração de mel e cera, bem como fabricação de velas.

A organização da Colônia assemelhava-se a um sistema feudal. Cada linha de produtos tinha o seu Irmão responsável.

* Colaborador da revista "Blumenau em Cadernos"

Assim, as unidades existentes na Colônia eram: horta e pomar, apiário, ferraria, sapataria, tecelagem, cocheira e estábulo. A estes pertencia também a responsabilidade pelas pastagens e a ordenha das vacas. Com a construção da Rua 7 de Setembro, o latifúndio dos Franciscanos ficou dividido, deixando de pertencer à Colônia o moinho, do qual faziam parte a padaria e a marcenaria que, além dos móveis do convento, fazia os móveis para as salas de aula, altares e móveis das igrejas pertencentes à Ordem dos Franciscanos.

O apiário ficava localizado próximo à casa de hóspedes junto ao pasto. Era constituído por várias filas de colméias, debaixo de uma cobertura de telhas. Uma cerca de madeira isolava as colméias dos pastos. Quando as colméias se saturavam de mel, começava a campanha da colheita do mel e da cera. Notava-se, pelas indumentárias que as pessoas usavam nas cercanias do apiário, que a colheita começara. A indumentária do apicultor para proteger-se das ferroadas das abelhas durante o trabalho no apiário, compunha-se de um chapéu dotado de máscara de vidro ou de telas que protegia a cabeça e o pescoço contra ferroadas das abelhas. Os macacões feitos no tamanho integral, com mangas e punhos providos de elástico e fechados com botões, eram bem folgados. Os Irmãos também usavam às vezes, em lugar de macacões compridos, saias compridas que iam até o chão. Luvas à prova de ferrões em couro e botas de cano longo. Em vez das botas também haviam alguns que usavam polainas de cano longo. Para quem chegava, não sabendo que a campanha já havia sido iniciada, ficava a impressão de estar na presença de seres de um outro planeta.

As técnicas usadas no apiário e na fabricação de velas tinham boa reputação. Atraíam pessoas interessadas em estagiar durante os trabalhos de colheita da cera, do mel e da fabricação de velas. Os Franciscanos viam com bons olhos a participação de estagiários, pois gerava fornecedores de cera e de velas de cera pura, uma vez que a produção do apiário da Colônia não era auto-suficiente.

Com a remoção dos quadros com os favos das colméias dava-se início aos trabalhos. As colméias eram desmontadas e os quadros com os favos eram centrifugados para a retirada do mel. Com a separação do

favo do mel começava-se a limpeza da cera, derretendo-se a mesma, e colocando-a em grandes tablados cobertos de lona para secagem ao sol.

A cera, depois de seca, era removida para a seção de fabricação de velas. Nesta seção, em estrados suspensos, eram pendurados os pavios. A cera novamente derretida era conduzida por meio de canecos de cabo longo e um bico para conduzir a cera de cima do estrado, derramando-a sobre o pavio pendurado. Esta técnica permite deixar o pavio centrado, com a cera formando camadas circulares, o que caracteriza a vela ser de cera pura.

Entre os estagiários, para a fabricação de velas na década de 20, encontrava-se Frederico F. Moeller, de Jaraguá do Sul. Ele, realmente, aproveitou bem este estágio. Ao voltar a Jaraguá do Sul, montou uma fábrica de velas de cera. A matéria-prima adviria de outros ex-estagiários que montaram apiários. Frederico F. Moeller desenvolveu uma vela pequena para árvores de natal, que ao queimar, exalava um cheiro semelhante ao da resina de pinheiro.

O Irmão Romuald, da Igreja Matriz, costumava dizer que as velas produzidas por Frederico F. Moeller eram idênticas às produzidas pelo apiário da Colônia.

Sorveterias e Confeitarias**

Texto:

ORLANDO
OLINGER*



No final da década 39/40, Blumenau recebia a visita do Interventor Federal em Santa Catarina, Dr. Nereu Ramos e comitiva.

Após a recepção com desfile, seguiu-se almoço festivo. À tarde, todos foram tomar café na Confeitaria Rex, ali na Rua XV de Novembro, entre a Casa Kieckbusch e Calçados Lorgus. Foram servidas tortas de morango com nata, Apfelstrudel (torta enrolada de maçã), fino paladar em confeitaria. Os sorvetes, deliciosos, foram o ponto máximo, merecendo aprovação unânime. Dr. Nereu Ramos fez questão de conhecer e parabenizar os donos, Marcos e Ema Sachtleben, dizendo que mereciam uma medalha pelos quitutes servidos.

A partir daí, o ex-mestre de obra, Marcos, dona Ema e as filhas Renate e Erica, ainda mais se esmeraram na incipiente arte culinária: adquiriram um balcão frigorífico e com receitas alemãs e italianas fizeram com que a sorveteria Rex se tornasse sempre mais prestigiada.

Construíram-se os carros de duas rodas para picolé e sorvetes com melodiosos apitos de flauta, alegria da criançada e também dos adultos. Os carros de picolé, com toldo colorido circulavam impulsionados pelo "picolezeiro" pelos bairros e campos de futebol, nos bons tempos do Brasil E.C. (atual BEC) e Blumenauense E.C. (atual Olímpico).

Com o crescimento da Rex, foi adquirido o Café Polar, que pertencia a Família Eimer. Su cederam-nos no mesmo local e ramo, Fritz Keller

* Colaborador da revista "Blumenau em Cadernos"

** Informações colhidas com D. Renate Teixeira, filha do casal Marcos e Ema Sachtleben.

e por último o Pedro Santana.

O sucesso das confeitarias e o aumento da população fez surgir novas, tais como: Toenjes, Benthien, Flórida e Socher. Sem dúvida, o elogio do Dr. Nereu Ramos serviu para estimular uma atividade que destacou nossa querida cidade de Blumenau.



Prédio da Confeitaria Polar.
No local, hoje, encontra-se o Edifício Albor

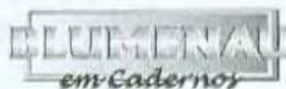
Quem não se lembra da “geladinha” inventada pelo Orivaldino Teixeira (Confeitaria Flórida). A forma retangular, com waffles e sorvete no meio. E que tal uma taça “Imperial”? Que época maravilhosa, prova de que “recordar é viver”.

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**“POR
BLUMENAU
UNIDO”**

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDA**



Falou Vieira da Rosa em 1905:
“BLUMENAU É O MAIS IMPORTANTE”

O que o geógrafo disse está na sua esgotada e rara “Corografia do Estado de Santa Catarina”. Sua afirmação foi sustentada porque Blumenau era um dos três grandes municípios do território onde a águia da Bandeira é ativa e fraterna. Os outros dois eram Chapecó e Lages. Blumenau porque dividido em lotes familiares era o de densidade demográfica mais alta; Chapecó era o de terra sem gente; e Lages com a sua pecuária de bovino livre nas pastagens como os animais silvestres na mata de pinheiro, não relacionava muita gente no ambiente das fazendas.

Blumenau era grande em território e em eleitorado. Ser assim foi bom e foi ruim. O bom vinha com as referências de fora para dentro: o destaque estadual e nacional lá em cima; o ruim chegava: (1) Porque a administração não tinha meios para satisfatoriamente, corresponder a natural ambição dos habitantes; (2) Com mais habitantes o colégio eleitoral atraía o político de fora.

Com este raciocínio vem o telão os Ramos e os Konder. Tome-se conta que Adolfo, Marcos e Victor, eram brotações da porta de entrada e de saída: marítima porta larga das navegações de cabotagem e de longo curso. E os Ramos avarandados no planalto serrano, sabiam por herança que, no politizar a dependência do eleitor era tudo ao infinito.

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.



Santa Catarina em 1920

Fica claro que eles viram e entenderam o eleitorado de Blumenau, o essencial na carreira política. E o entrevero não aconteceu por acaso. Lideranças qualificadas como foram e escreveram a História Política na qual estão em vários ângulos com todas as suficiências, har-

monizaram-se no interesse catarinense, exatamente, pelo conflito de interesses.

O acontecido em março de 1934 com a denominação autenticamente, política: “COMITÊ POR BLUMENAU UNIDO” é amostra da rivalidade aquecida em fogo para fundição de aço. – o choque reuniu multidão raivosa e motivada. Foi formidável! O mérito é indiscutível.

O interventor federal em Santa Catarina, Aristiliano Ramos (1888-1976), elevou distritos de Blumenau à categoria de municípios. Sendo ele um adversário da situação política dominante e alinhada com os Konder, provocou reação difícil de escrever e em temperatura revolucionária. Foi altamente explosiva sem ser politicamente, inteligente. O pântano do ódio renovado separou catarinenses notáveis.

Vejam: o interventor Aristiliano conhecia existir insatisfação política dissimulada; usar a política como solução de problema estava e está ainda no herdeiro dos pioneiros; foi a insatisfação com a vida na terra onde nasceu, quem preparou o emigrante lá e imigrante aqui; no lote familiar de então, a acomodação, foi desconhecida; no quarto de dormir, lia ao sair da cama: “A madrugada tem boca de ouro”. Imagina-se, ter sido o bucolismo da paisagem humana quem injetou acomodação nas lideranças kondistas. – quem dela, para ela e com ela seria um Alfredo Blaese ...

Um detalhe: a situação política blumenauense menosprezou. O cabo eleitoral bilíngüe, apreciou que a banda do interventor Aristiliano, dispunha de recursos e recursos, portanto, o trocar aperto de mão com ele seria comprar bilhete de loteria premiado. As lideranças de Blumenau comportavam-se representadas por advogados. Esses usaram o palavrório só entendido por quem falava português. E foi apenas palavrório, que no Aurélio dos tempos atuais é sinônimo de “Bacharelada”. E satisfizeram líderes kondistas responderem aos pendurados nos Ramos.



Passeata do Comitê “Por Blumenau Unido” - fevereiro de 1934

Outro detalhe o “Comitê Por Blumenau Unido” não conseguiu eliminar. Disse-me Alfredo Blaese (de quem fui secretário quando governou Indaial). O cabo eleitoral aristilianista perguntava: você não quer um município para melhorar? – Então fique com que só te dará o talão com o imposto aumentado! (Alfredo Blaese intoxicou-se no idealismo de ver distrito promovido a município. E só escapou do linchamento, na rua 15 de novembro, porque o seu velho amigo Carl Wahle, auxiliou-o na fuga).

Versão aceitável para aquele conflito de março-34. Vendo-se na contenda o interventor Aristiliano com os kondistas. É que foi ponto final da fase política sustentada por colégio eleitoral existente em área territo-

rial que se poderia riscar linha reta com ponta em Gaspar e lá em cima na linha divisória com Canoinhas, SC (Então conhecido pelo topônimo "OURO VERDE" no capricho da vontade dos vitoriosos de 1930, ou seja, os correligionários do interventor Aristiliano, lá). Pelo território Blumenau era continental.

Esse território de tantos quilômetros (cujo número até hoje não consegui) quadrados, se fosse considerado numa mesa de conversa para o progresso regional, colheria a aprovação para uma divisão na qual a finalidade favoreceram à família rural.

E quem trabalhou com solução para tal realidade que a geografia mostrava imparcialmente, foi o interventor Aristiliano.

Os kondistas poderiam ter pensado, na hipótese solucionadora dos problemas originados pela dimensão territorial. Se tivessem tê-lo-iam eliminado. O cabo eleitoral aristilianista teria ficado sem a alavanca política que usou competentemente.

Quando Aristiliano apareceu nutrido pela Revolução de 30, era natural adversário dos Konder, com a faca e o queijo assumiu querer maior fatia no eleitorado onde Adolfo, Marcos e Victor eram da sala de visita, da sala de jantar e da cozinha da família rural. Ví, e aqui tomo emprestado a Camões para dizer: "vi com os meus próprios olhos" em várias residências de Blumenau, Indaial, e Timbó, em tamanho grande e bem emoldurado o retrato de Adolfo Konder; meu sogro Woldemar Odebrecht era compadre de Victor como padrinho de filhos; ainda na década de cinqüenta nos meados, meu amigo Curt Stroisch, com destaque no canto e dos livros e de leitura, de sua residência, conservava Adolfo Konder ilustrando o ambiente; no amorável lugar Warnow, em casa antiga no estilo e na intimidade, nas relíquias expostas, mostrou-me senhora de filhos e netos, simpática além de tudo, no sotaque e no encanto do olhar, a xícara-e-pires de requintada artesanaria em porcelana, importada da Boêmia, para ela o presente mais de lembrar sempre, porque em pessoa dado por Victor Konder. A profundidade do bem-querer a esses Konder, era mais que apenas política. Disse-me professora sucessora doutra afastada por ser estrangeira e a sede da escola alemã, ser então utilizada por escola de primeiro grau estadual: "O inspetor de quartirão tirou da sala do diretor o emoldurado retrato de Adolfo Konder e o escondeu em úmido lugar. —

Um dia tomou conhecimento que o quadro de seu admirado político, não estava entre os policiados. Custara anos a saber que não era fotografia de um nazista. E que seu amigo do aperto de mão e batidinha no ombro era ali de perto: Itajaí. – Também não sabia que umidade e mofo lambem fotografia. Do que escondeu restava: moldura, vidro e amarelado papel mofado.

Com a cabeça fria e nunca lesionada pela política partidária teriam os Konder examinado que, distrito ser elevado à categoria de município era ato político necessário, embora os pontos ganhos, na política regional repercutissem para o adversário? Aqui levantada a suposição porque na obra de Marcos Konder não é encontrada referência que seja libelo contra a ação política criadora dos municípios de Gaspar, Ibirama (ao mesmo tempo era Dalbergia), Indaial e Timbó.

2- ACONTECEU NA PAISAGEM HUMANA DO DISTRITO-PATER

Os advogados do “Comitê por Blumenau Unido” atuaram com a eficiência profissional proverbial. Eles criaram com a palavra uma energia reacionária direta e contra o aristalianista movido pelo entusiasmo cavalgando interesse político: apresentá-lo em público individualizado numa traição, portanto no papel de “Traidor”; se tivesse que provar teria dificuldade ... escrever e divulgar, era fácil. Preciso era que existisse para levar os kondistas operarem o protesto na rua 15. E nisto conseguiram sucesso: o Movimento denominado “Por Blumenau Unido”, foi notícia além fronteiras municipais, também por ser uma caçada ao “Traidor” (sic)

- Felizmente! – Como me disse Alfredo Blaese (líder dos líderes no querer o distrito “Indaial” promovido a município) nenhum aristalianista apareceu na rua 15. No felizmente fizeram o sinal da cruz os advogados, e também, os de bom senso participantes do “Comitê Por Blumenau Unido”. A crônica daquele dia de animosidade como Satanás gosta, não disse, que os perdedores foram os que renda na roça, na oficina e nas

vendagens, foi igual a zero. E também mastigar a raiva por não encontrar “Traidor” à disposição.

E a crônica daquele março-34 forneceu à História Política que: (1) O município Gaspar começou com Leopoldo Schramm, o município de Dalbérgia começou com Leopoldo Munich; o município Indaial começou com Erich Klein e o município de Timbó começou com o cap. Ernesto João Nunes. Com certeza Leopoldo Schramm e Alfredo Blaese eram “Traidores” no idealismo que o interventor federal Aristiliano concretizou.

O volante impresso, prova da marca inventada no “Comitê Por Blumenau Unido”. – Instigante para quem soubesse ler como diziam: “Em brasileiro”. E esses eram poucos, bem poucos. Segue transcrito letra por letra:

“Os trahidores de Blumenau.

É necessário que o povo blumenauense conheça aquelles que o trahiram nos seus sagrados principios, que sempre abusaram da nossa paciencia humilhando aos nossos olhos a nossa terra, a nossa tradição de brio, com suas presenças de verdadeiro nojo para Blumenau.

Se a Interventoria teve para connosco o tratamento humilhante de todos esses tempos, mais o devemos aos remarcados trahidores e vendilhões do nosso município, do nosso estremado município pelo baixissimo interesse de cargos publicos para impunemente praticarem patifarias ao nosso povo. Isso todo blumenauense sabe já, demasiadamente, e não há necessidade de se perderem palavras para classificar o procedimento vil desses trahidores, cuja lista, ainda incompleta, vem abaixo.

O movimento “Por Blumenau Unido” é dos mais fulminantes da história hodierna catharinense. Todo elle vem sendo feito na maior abnegação deste povo altivo de Blumenau. Este movimento, continuará até que a victoria venha premiar o civismo desta campanha blumenauense, pela nossa integridade espesinhada e humilhada a patadas ...

*Cada blumenauense tem o dever estricto, **dever de honra**, de fazer, sentir aos trahidores da nossa causa, a nossa mais sentida repulsa. São nomes estes para nós infamantes.*

Nenhum blumenauense poderá, sob pena de trahir tambem Blumenau, nem falar a taes trahidores. Faremos isso até que elles corram desta terra que, digna, não pode, absolutamente, abrigar tão baixa laia, infames trahidores dos interesses do povo blumenauense.

Não se deve fallar, não se deve vender, não se deve comprar e, finalmente, não se deve ter nenhum entendimento, de espécie alguma com esses trahidores do povo blumenauense.

A nossa causa exige de nós todos sejamos os melhores guardas do cumprimento dessa repulsa contra os trahidores que enxovalham a nossa tradição e são os maiores, mas subalternos, responsáveis das misérias porque vimos passando e que forçaram este povo ordeiro e trabalhador, mas suficientemente altivo, a levantar o maior protesto de que nos dá conta a nossa história cheia de tradições gloriosas.

VIVA BLUMENAU! ABAIXO OS TRAHIDORES!

OS TRAHIDORES: Alfredo Blaese, Joseph Woerner, Leopoldo Schramm, Max Malburg, Arthur Hasse, Pedro Freygang, Florindo Izolani, Bubi Freygang, Luiz Abry, Sebastião Martendal, João Benicio, José Juvencio, Estanislau Constanski, Affonso Schroeder, Jacob Schmidt, Ernesto Baumann, João Luiz Berti, Angelo Saccenti, Hilario Juvencio, Mansueto Izolani, Walter Jahn ...”

3- TRAIADOR: FOI LEGENDA AGITADORA

Em março deste 1997 foram completados 63 anos, que em Blumenau a maioria kondista surpresa, irritada e agressiva, sendo multidão na rua 15, caçou aristilianista (minoría) sendo o “Traidor” punível, porque repelente que nem Judas Iscariotes. Diz o bom senso analisando: o reinado da paixão política, alimentou o exagero.

O Distrito-pater: Blumenau, é a prova provada, que o aristilianista apenas multiplicou. Não aconteceu em Traição e sim uma inteligente jogada. O kondista de Blumenau não aceitou “Engolir Sapo” assim na recomendação de Lauro Muller ensinando que político precisa saber deglutir o insucesso. Uma vez que, os municípios aparecidos como quise-

ram os interessados, provaram ser rebrotação do Distrito-pater: Blumenau.

Os distritos transformados em municípios não provocaram anemia econômica ou outra qualquer. Em 1959 o IBGE (informante confiável desde que foi criado) disse: "Entre os cinco municípios de maior progresso, no Brasil inteiro, Blumenau é um deles". A afirmação explica que apenas com 451 Km², Blumenau prosseguia na própria sina de maior entre os maiores. Esse maior de então pedestal da atualidade, desmente ter existido um "Traidor" da natureza desenvolvimentista, plantada lá na Kolonie Blumenau.

A ocorrência política, na qual apareceu liderante o "Comitê Por Blumenau Unido", foi a face de ressentimento criado no labirinto camaleônico das vontades e regido pela batuta do maestro-autor da música intitulada: Quem não pensa como penso é meu inimigo.

Se ele soubesse "engolir sapos" teria visto e aceitado que, os municípios criados estavam na geografia de Blumenau e por cordão umbilical e a consangüinidade da História, eram o Distrito-pater multiplicado.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:

Anotações tomadas aos políticos atuantes então: Alfredo Blaese, cartorário Jacó A. Schmidt, Antonio Cândido Figueredo, Theodolino Pereira, Germano Beduschi, Sylvio Scoz, Fritz Hardt; Enciclopédia dos municípios brasileiros, de Jurandir Pires Ferreira (1959), Osmar R. da Silva, Canoinhas (1941); Gelindo S. Buzzi, Centenário de Timbó "Pérola do Vale" (1869-12 de outubro-1969); Jornal de Blumenau: "Cidade de Blumenau", ns. 35, 38, 40., ref. Janeiro, fevereiro e março, tudo de 1934, informação por advogado do "Comitê Por Blumenau Unido" Achilles Balsini, na convivência dos anos 1943 a 1945 na redação do jornal acima citado.

**Autores
Catarinenses**

- **O Grupo Sul**
- **Artes na UFSC**
- **Henrique Luis Alves (1931-1997)**

Texto:

*ENÉAS
ATHANÁZIO**

O GRUPO SUL

“Ô Catarina!”, suplemento cultural da Fundação Catarinense de Cultura, dedicou um número especial, o 23^o, aos 50 anos do Grupo Sul, o mais importante movimento cultural de nosso Estado, onde foi o introdutor dos ideais modernistas, ainda que 25 anos depois da Semana de Arte Moderna de 1922.

Reunidos no Círculo de Arte Moderna, depois mudado para Grupo Sul, vários jovens de Florianópolis ousaram contrariar os “passadistas” e proclamar a necessidade de modernizar, colocando nosso Estado ao lado do que acontecia nas letras e artes do restante do País. Enquanto o Movimento Modernista, lá fora, já havia superado a “fase heróica” e era aceito por todos, aqui ainda provocava debates e a incompreensão dos conservadores que rotulavam os rapazes de “agitadores” e “mal orientados”. Um quarto de século depois, nossos intelectuais ainda se recusavam a embarcar no trem da História. Preferiam ficar à margem, vendo o trem passar – como o personagem de Simenon.

Corajosos e idealistas, os rapazes do Grupo editaram a revista “Sul”, inovadora e aberta, encenaram peças de teatro, promoveram exposições e debates, realizaram o primeiro filme longametrage do Estado (“O preço da Ilusão”), cuja atriz principal, Lilian Bassanesi, foi minha colega de Faculdade.



*) Escritor e advogado.

O Grupo buscou apoio e divulgação lá fora, encontrando boa receptividade e muita simpatia. Integraram o Grupo, entre outros, Salim Miguel, considerado o líder, Eglê Malheiros, Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, Aníbal Nunes Pires, Moacir Fernandes, Antonio Paladino, Ody Fraga, Rodrigo de Haro, Hassis, Armando Carreirão, Meyer Filho, Aldo Nunes e Hugo Mund Jr. Todos deixaram suas marcas nas letras, nas artes, no teatro, no cinema, na crítica, no jornalismo cultural. Muitos ainda estão em atividade. Pela amplitude dos propósitos e realizações, a influência do Grupo Sul é imorredoura e sua ação sacudiu a marasmática vida cultural catarinense.

Não custa lembrar que Lina Leal Sabino publicou excelente livro sobre o assunto: "Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina" (FCC Edições – 1982). Nele a autora examina com minúcia todos os aspectos e conseqüências da atividade do Grupo Sul.

ARTES NA UFSC

O Departamento Artístico Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) publicou em maio deste ano o seu "Catálogo de Artes". É um trabalho muito bem feito, ilustrado a cores, e que dá uma visão completa das realizações e projetos da Universidade na área artística, nem sempre conhecidos do público. Começa fornecendo um histórico do Departamento e seus principais projetos, com atuação nas áreas da dança, teatro, arte-educação, cursos e oficinas, artes plásticas, música e cinema. Em seguida vêm os detalhes de cada uma dessas atividades, permitindo ao leitor assistir ou participar daquelas que sejam de seu interesse. Entre essas atividades, merecem destaque o Grupo Pesquisa Teatro Novo, pelo aspecto inovador, as exposições itinerantes, buscando maior aproximação do público com as artes, o folclore aplicado à educação, valorizando as coisas da cultura popular, e o intercâmbio artístico-cultural com a comunidade. Relaciona ainda os espaços culturais da Universidade, os principais eventos de 1996 e contém inúmeras outras informações de interesse dos amantes das artes. O Catálogo já é, por si só,

uma obra de arte e devo sua leitura ao fotógrafo Joi Cletison Alves, um dos seus realizadores.

HENRIQUE L. ALVES (1931-1997)

Faleceu em 25 de maio passado, em São Paulo, o escritor Henrique Losinskas Alves. Nascido na capital paulista, exerceu vários cargos de projeção na área cultural, inclusive a presidência da União Brasileira de Escritores (UBE) e outros postos de sua direção. Pertenceu a inúmeras entidades, entre elas o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e a Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA). Foi jornalista profissional, militando quase sempre na área da cultura. Ficcionalista e ensaísta, neste último gênero publicou suas obras de maior destaque, como os ensaios “Mário de Andrade” e “Cruz e Sousa, o Dante Negro”, graças ao qual muito se ligou à intelectualidade de nosso Estado, pelo qual tinha grande simpatia, e onde esteve várias vezes. Grande animador cultural, Henrique L. Alves proferiu incontáveis palestras em todo o País, participou e organizou eventos culturais e compôs comissões de múltiplos concursos literários e artísticos. Sua presença nos eventos culturais da Paulicéia era obrigatória. Encabeçava a lista dos palestrantes a serem convidados para uma Semana Cultural que projetamos realizar em Balneário Camboriú. Henrique L. Alves é uma figura que fará falta e sua ausência empobrecerá nossos meios literários. Sem falar que Santa Catarina, e eu em particular, perdemos um grande amigo.



Henrique Luis Alves - (1931-1997)

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 30,00 (anual=12 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 20,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 40,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1997 (Tomo 38). Anexo a este cupom a quantia de R\$00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de Pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

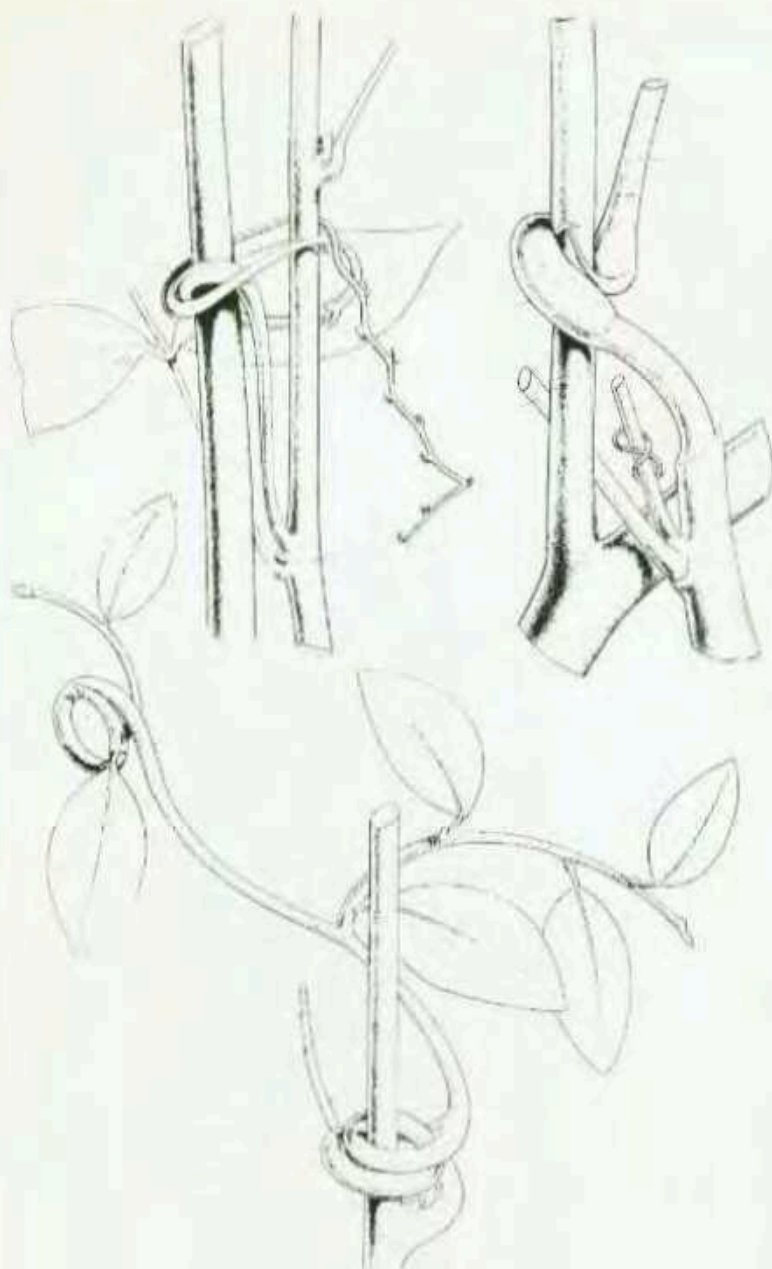
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda



À HERMANN MÜLLER

...há poucos dias lhe enviei um artigo sobre trepadeiras escrito por seu irmão, quando então soube, pela primeira vez, que Fritz Müller era seu irmão. Eu tenho o maior respeito por ele como um dos mais hábeis naturalistas vivos, e ele tem me ajudado de muitas maneiras com extraordinária amabilidade."

Seguiu nota de Francis Darwin no rodapé da carta de Darwin a Fritz Müller datada de 4 de março de 1879.